



A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

S.Fediúkine

A Revolução Socialista na Rússia e a Intelectualidade



S.Fediúkine

A Revolução Socialista na Rússia e a Intelectualidade

Sob a redacção
geral do académico
I.I. Mints

EDIÇÕES PROGRESSO, Moscovo, 1981



Edições da Agência de Imprensa Nóvosti (APN)



... Há ainda vinte ou quinze anos atrás, podia ver-se nas ruas de Stepniak, pequena cidade situada no Norte do Cazaquistão, um velho de cabelo grisalho, de 90 anos de idade; ao vê-lo, os habitantes da cidade saudavam-no com respeito. Esse homem era Vassíli Dmítrievitch Selim-Guirei, engenheiro soviético, cidadão honorário da cidade, e nos anos pré-revolucionários, coronel do exército czarista, descendente dos cães de Crimeia, último representante duma família nobríssima.

Não, o ex-príncipe não fora deportado para essa vila casaquestanesa distante “pela sua origem social”. Foi a lógica da vida dum verdadeiro patriota, para quem o serviço ao povo era o objectivo nobre e a missão civil suprema, que o levava a Cazaquistão e o tornara um homem por todos respeitado. Trabalhou toda a sua vida: dedicava-se à prospecção de minerais nos Urais e na Península de Cola, construía a central eléctrica de Kachira, abria o canal Moscovo-Volga, dirigia a construção do terminal fluvial de Khimki em Moscovo. Nos anos da Grande Guerra Patriótica,¹ refugiou-se na cidade de Stepniak onde viveu os seus últimos anos.

Em França, também há relativamente pouco,

¹ A guerra de libertação travada pelo povo soviético contra a agressão da Alemanha fascista e seus aliados (1941-1945).

morreu Felix Iussúpov, um dos numerosos conhecidos de Vassíli Selim-Guirei, companheiro de sua vida mundana em Petersburgo e até um ex-amigo seu, também um príncipe... Também ele viveu uma vida longa. Mas que avesso de destino, de próprio sentido de existência! Se o engenheiro soviético Selim-Guirei, tendo realizado uma boa obra durante a sua vida, no ocaso desta, construiu com as suas poupanças uma escola para crianças, já o emigrante Iussúpov, esquecido do seu povo e pelo seu povo, instruiu um processo contra companhias cinematográficas e de TV americanas para ganhar mais dólares com a versão cinematográfica do assassinato de Gregório Raspútine, sórdido favorito do czar, realizado outrora com a participação de F. Iussúpov.

Nos destinos dessas duas pessoas reflectiu-se, em miniatura, mas com grande precisão histórica, o caminho de meio século percorrido pela intelectualidade russa para a qual a Revolução de Outubro foi, no sentido moral, uma grande divisão das águas. Parte da intelectualidade preferiu a luta contra o seu próprio povo e, depois, a emigração para as terras alheias. Essas pessoas, tal como os royalistas franceses dos fins do século XVIII, não puderam perdoar ao povo revolucionário a perda de seus privilégios, capitais, cargos e ordens. A outra parte, porém, soube ultrapassar, no fim das contas, os preconceitos da moral burguesa e da nobreza, tornando-se participante útil e igual em direito da vida da sociedade nova, socialista.

Qual a razão disso? Com que enlevos os co-

munistas e operários revolucionários encantaram pessoas como V.D. Selim-Guirei, P.P. Potótski, eminente engenheiro e também príncipe como o primeiro, A.A. Brussílov, chefe militar de renome, A.N. Tolstói, famoso escritor, A.A. Blok, grande poeta russo, K.S. Stanislávski e V.I. Nemiróvitch-Dántchenko, destacadas figuras do teatro, I.I. Pávlov, cientista de fama mundial, e muitas outras personalidades que representavam de verdade a flor da sociedade culta da Rússia pré-revolucionária? Talvez, tenham sido as ameaças, a violência e os “révólveres da Tcheká”¹ que os obrigaram a servir o Poder Soviético? Talvez, eles tenham sido comprados com o ouro onnipotente?—é precisamente assim que certos historiadores ocidentais explicam aquela viragem operada nos destinos da intelectualidade russa.

Não, não foi a ameaça da repressão (nenhum regime social arranhou assim partidários dedicados) nem o ouro (tais pessoas não se vendem nem se compram por dinheiro) que conduziram os melhores representantes da intelectualidade russa ao campo da revolução. Houve outras razões e motivos, mais sérios, que os levaram a tomar partido do povo e a trabalhar na concretização dos ideais comuns. O presente livro fala do processo da passagem da velha intelectualidade para o lado do socialismo e mostra como é a intelectualidade soviética contemporânea.

¹ “Tcheká”—sigla da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia, órgão especial para combater a contra-revolução e a sabotagem.

1. A REVOLUÇÃO E A INTELLECTUALIDADE

Um pouco antes de a classe operária da Rússia ter tomado conta do poder, um jornal burguês escreveu: “Suponhamos por um momento que os bolcheviques vençam. Quem nos dirigirá? Serão os cozinheiros, esses peritos em costeletas e bifes? Ou serão os bombeiros? Cavalariços, fogueiros? Ou, talvez, sejam as aias que assistirão, no intervalo entre as lavagens de fraldas, às assembleias do Conselho do Estado? Quem? Quem serão tais estadistas? Será que serralheiros se ocuparão dos teatros, encanadores da diplomacia, e marceneiros do correio e telégrafo?... Será tal possível? Será a história que responderá de modo autoritário, aos bolcheviques, a essa pergunta louca”¹.

A pergunta feita pelo jornal, embora cheia do desprezo, relativamente aos trabalhadores que aspiravam a conquistar o poder, estava longe de ser oca e retórica. Com efeito, com ajuda de quem pretendiam os bolcheviques, a classe operária, gerir o Estado, a economia nacional, assegurar a defesa do país, desenvolver a ciência e a cultura? Para tal eram necessários numerosos quadros de especialistas, pessoas de experiência e profundos conhecimentos; isto é, era necessária a intelectualidade. Naqueles dias, os contendores dos bolcheviques declaravam que a classe operária não devia conquistar o poder sem ter na retaguarda da revolução uma massa culta bastante grande da população, sem ter a sua intelectualidade. Ainda

¹ *Nóvoie Vremia*, 1917, 24 de Outubro.

hoje em dia há “teóricos” do marxismo, que tentam provar que a revolução socialista não pode ter êxito num país em que não exista um mínimo determinado de forças intelectuais imbuídas da ideologia socialista.

A experiência histórica da revolução na Rússia refutou por completo semelhantes ideias. A classe operária do País dos Sovietes encontrou a única solução possível do problema: não esperando que, primeiro, fosse formada a intelectualidade socialista, tomou conta do poder e criou, desta forma, premissas e condições indispensáveis ao desenvolvimento da cultura e à sua penetração nas massas populares. No âmbito desse problema geral, cumpria-se também a tarefa, talvez, de maior complexidade—a da criação duma intelectualidade nova, popular. Essa tarefa resolvia-se tanto mediante a formação de quadros de especialistas vindos do meio operário e camponês como mediante a atracção para o lado do Poder Soviético da velha intelectualidade burguesa, sendo esta, depois, reeducada dentro do espírito socialista.

A formação de uma intelectualidade nova é um processo muito complexo que requer muitos anos de trabalho persistente, enormes despesas e um grande número de estabelecimentos de ensino adequados. A jovem República dos Sovietes, no período inicial da existência do Estado soviético, não tinha nada daquilo. Era enorme a necessidade de cientistas, técnicos e homens da cultura em geral. Eram necessários numerosos quadros de especialistas em todos os domínios da economia, ciência, técnica, cultura e arte militar para se criar o

aparelho do Estado, o exército regular, para reconstruir a economia nacional destruída por vários anos de guerra e continuar a desenvolvê-la, para elevar o nível cultural das massas populares. Por isso, revestiu-se de um significado particular a tarefa de atrair a velha intelectualidade para a cooperação com o Poder Soviético. “Não podemos construir o poder, — sublinhou V.I. Lênine, guia da revolução socialista — se não for utilizada tal herança da cultura capitalista como a intelectualidade”¹.

A intelectualidade da Rússia era uma camada social relativamente pouco numerosa. Na época da Revolução de Outubro, o seu número não ultrapassava um milhão de pessoas, isto é, constituía menos de 1% da população do país. Entre a intelectualidade contavam-se 280 mil professores de escolas para as crianças, 60 mil engenheiros e técnicos, 12 mil professores universitários e cientistas, 75 mil médicos, 240 mil oficiais e generais. Não obstante a sua pouca quota-parte dentro do conjunto da população, a intelectualidade desempenhava um papel muito importante na vida económica, social e cultural do país. Era possuidora dum grande potencial espiritual; a ela cabia um lugar de destaque na criação da cultura do povo russo e de outros povos do império.

A maioria dos intelectuais acolheu positivamente o derrubamento da monarquia em Fevereiro de 1917 e a instauração da república burguesa, posto

¹ V.I. Lênine. *Obras Completas*, 5ª ed. em russo t. 37, p. 223.

que a revolução democrática burguesa correspondia aos interesses dos grupos de intelectuais empregados na esfera da produção capitalista e no aparelho do Estado. A intelectualidade burguesa mantinha-se leal relativamente ao Governo Provisório, apoiando-o na política de condução da “guerra até à vitória” e em outras acções antipopulares. No entanto, parte da intelectualidade, sobretudo a intelectualidade de espírito democrático, mantinha uma posição céptica em relação às palavras de ordem dos partidos burgueses e pronunciava-se por transformações radicais a realizar na vida da sociedade.

Realizou-se a Revolução de Outubro. É do conhecimento geral que foram as largas massas populares — os operários, camponeses e soldados — que a realizaram. Com quem estava a intelectualidade? Estava ela do lado do povo ou ia contra este? Não se pode dar uma resposta de sentido único a essa pergunta. Os historiadores e publicistas ocidentais afirmam que toda a intelectualidade russa rejeitou a Revolução de Outubro e se insurgiu contra o Poder Soviético e a classe operária. A História, esse juiz imparcial e objectivo, testemunha: não, isso não é certo.

Em primeiro lugar, seria errado pensar que na época da tomada do poder a classe operária não tivesse, em absoluto, a sua própria intelectualidade. É certo que o proletariado não tinha os seus quadros de especialistas intelectuais. Mas ele tinha a sua intelectualidade na pessoa de revolucionários de carreira. Entre estes contavam-se tais especia-

listas de talento como engenheiros, L. B. Krássine e G.M. Kríjanovski, médicos N.A. Semáchko, M.F. Vladímirski, Z.P. Soloviov, o pedagogo N.K. Krúpskaia, o físico e astrónomo P.K. Stérnberg e outros. O partido bolchevique, porém, não podia nem tinha a possibilidade de utilizar essas pessoas segundo a sua especialidade, posto que elas eram importantes personalidades do partido e era preciso utilizá-las em primeiro lugar como organizadores políticos das massas.

Os intelectuais revolucionários faziam parte do núcleo dirigente do partido dos bolcheviques. Era a vanguarda da intelectualidade que dava abnegadamente as suas forças, conhecimentos e a própria vida à causa da emancipação do povo. Sob a direcção de V.I. Lénine, os intelectuais comunistas, durante decénios, preparavam a classe operária para o derrube do poder dos grandes agrários e da burguesia. Após a vitória da Revolução de Outubro, coube-lhes o trabalho enorme na defesa da revolução e na organização da edificação socialista. Pessoas altamente instruídas e organizadores de talento, apoiavam-se, na sua actividade estatal, nas forças criadoras do povo. Foi com acerto que disse, a esse respeito, Albert Rhys Williams, jornalista americano que se encontrava, na altura, na Rússia: "... No novo gabinete de ministros havia um grupo de pessoas destacadas, grupo esse que fez dele o gabinete mais instruído e culto que jamais geriu o Estado na história mundial. Mas eu considero que o principal traço característico da intelectualidade

bolchevique é a sua confiança inesgotável no povo..."¹

A intelectualidade educada pelo partido revolucionário leninista era um exemplo para toda a massa da intelectualidade; influenciou bastante as posições e o comportamento político desta nas condições da revolução socialista e guerra civil.

Ao lado dos bolcheviques estava a intelectualidade que ocupava posições democráticas e que apenas na revolução realizada pela classe operária via o único caminho certo de resolver os complexos problemas sociais que se levantavam perante o país. "Aceitar ou não aceitar? Tal pergunta não existia para mim. É a minha revolução!"² — declarou o poeta Vladímir Maiakóvski. Alexandre Blok, grande poeta russo, apelou para a intelectualidade: "Com todo o corpo, com todo o coração e toda a consciência: ouçam a Revolução"³. A história daqueles dias conhece numerosos casos em que destacados cientistas, engenheiros, escritores, artistas, médicos, etc., ao compreenderem que o novo regime social trazia mudanças favoráveis para os destinos da pátria, colocaram os seus conhecimentos e experiência ao serviço da revolução socialista, do poder operário-camponês.

¹ Albert Rhys Williams. *A verdade sobre a Rússia*. O semanário *Nedelia*, 1967, N 15, p. 4. Em russo.

² Maiakóvski Vladímir. *Obras Completas* em 13 vol., t. 1, Moscovo, 1955, p. 25. Em russo.

³ Blok Alexandre. *Obras Completas* em 12 vol., t. VIII, Leninegrado, 1936, p. 55. Em russo.

Um dos primeiros a tomar partido da revolução e a apoiá-la calorosamente foi K.A. Timiriázev, eminente cientista russo. Não obstante a sua doença e a idade avançada, dedicou-se inteiramente à causa da edificação do novo regime social. Os operários de Moscovo elegeram K.A. Timiriázev deputado ao Soviete de Moscovo. Como-vindo profundamente pela confiança nele depositada pelo proletariado, o cientista dirigiu ao Soviete uma carta que foi um apelo apaixonante para a intelectualidade e todas as pessoas honestas do país apoiarem o Poder Soviético. Os artigos e cartas de K.A. Timiriázev dirigidos à intelectualidade desempenharam um grande papel no processo da atracção de personalidades da ciência, cultura e artes para o lado do povo revolucionário.

Eminentes cientistas russos: I.P. Pávlov, N.E. Jukóvski, K.E. Tsiolkóvski, D.N. Priánichnikov, V.M. Békhterev, S.P. Fiódorov, N.E. Gamaleia, V.L. Komarov e muitos outros não interromperam a sua actividade científica. O famoso seleccionador I.V. Mitchúrine, logo que na sua cidade natal se instaurara o Poder Soviético, visitou o Comité para as Questões da Terra de Distrito e declarou o seu desejo de trabalhar para a revolução. “Acolhi a Revolução de Outubro como algo indispensável,—escreveu ele—algo historicamente necessário pela sua justeza e iminência...”¹

¹ Mitchúrine I.V. *Obras*, t. 1, Moscovo, 1948, p. 609. Em russo.

Todos os seus conhecimentos e experiência dedicou-os à causa da revolução R.E. Klasson. Antes da Revolução de Outubro, exercia as funções de director da sociedade anónima que era proprietária de todas as centrais eléctricas de Moscovo: era considerado, nos sectores de engenheiros, como prestigiado especialista em energética. R.E. Klasson não deu ouvidos às insinuações dos contra-revolucionários de que os bolcheviques não faziam senão destruir e que seria um crime trabalhar com eles. Preferiu, ao cargo de director em qualquer companhia eléctrica estrangeira (foram-lhe feitas tais propostas), a cidade de Moscovo fria e faminta de 1918. R.E. Klasson fez muita coisa útil para a jovem República dos Sovietes. Os bolcheviques davam grande valor à sua actividade.

Foram citados nomes de apenas algumas personalidades destacadas da cultura. Mas, simultaneamente, aceitaram incondicionalmente o novo poder milhares de intelectuais “de base”—médicos, professores de escola primária e secundária, agrónomos, engenheiros etc. Muitos intelectuais democratas não só acolheram com entusiasmo a revolução, mas também, em conjunto com os operários, camponeses e soldados realizavam-na, tomando a parte mais activa na instauração do Poder Soviético, na defesa da revolução no campo de batalha da guerra civil.

A passagem duma parte da intelectualidade para o lado do povo revolucionário não se deveu ao acaso. Os ideais sociais avançados pela classe ope-

rária e pelos quais esta lutava sob a direcção dos comunistas, encontravam um grande eco e apoio não só nas massas proletárias e camponesas. Os intelectuais democratas de espírito progressista e até alguns burgueses e nobres reconheciam a justeza histórica desses ideais e simpatizavam com eles. Apesar de pertencerem às classes dominantes da Rússia ou estarem próximos delas, viam os sofrimentos e desgraças do povo trabalhador e compreendiam a necessidade de acções resolutas para o povo entrar no largo caminho do progresso económico e cultural. Foi por isso que a intelectualidade democrática encarou a Revolução de Outubro como grande tempestade que desbravava a terra para o ressurgimento da Rússia. E muitos democratas verdadeiros compreendiam perfeitamente que eram os comunistas os intérpretes e defensores autênticos dos trabalhadores. Assim, ainda em começos do ano de 1918, K.A. Timiriázev, de quem já se falou atrás, chegou à conclusão de que “durante os mil anos de existência da Rússia, não se podia encontrar nos círculos dirigentes tanta honestidade, inteligência, conhecimentos, talento e dedicação ao povo que nas fileiras dos bolcheviques”¹.

Desta forma, portanto, nos dias de agudíssimos conflitos de classes, parte da intelectualidade russa soube sobrepor-se aos ideais ideológicos da velha sociedade, compreender o carácter natural e a

¹ Timiriázev K.A. *Obras*, t. IX, Moscovo, 1939, p. 287. Em russo.

inevitabilidade histórica da revolução socialista e aderir ao proletariado revolucionário. O móbil dessa decisão foram-no o descontentamento com o regime político da Rússia pré-revolucionária, uma atitude crítica relativamente à realidade russa, as esperanças de assistir à mudança da ordem geral no país em que, no dizer do poeta A. Blok, “reinavam nos corações o sono e as trevas”.

Não entanto, deve reconhecer-se que uma grande parte da intelectualidade assumiu uma posição neutra, de espera, declarando não desejarem ingerir-se na “política” e apelando para o novo poder “não tocar nos seus desenhos lineares”. Essas pessoas não compreendiam a essência do Poder Soviético e o alcance das transformações revolucionárias que abriam largas perspectivas para o florescimento dos talentos criadores do povo e para o desenvolvimento das forças produtivas do país. Desconcertado e aturdido pelo turbilhão da revolução, ao ver desmoronado o sistema de ideias familiares sobre o “progresso evolucionário”, o intelectual vacilante preferiu esperar que “tudo passe”, subordinar-se ao novo poder, sem, no entanto, o aceitar. Ao mesmo tempo, muitos desses intelectuais viam que o povo precisava do seu trabalho e continuavam a trabalhar em empresas e oficinas.

Parte considerável da intelectualidade, devido a suas simpatias e antipatias de classe ou porque não souberam orientar-se no clima de acontecimentos que abalavam o país, assumiu as posições de luta activa contra o poder popular. Não

se pode dizer, no entanto, que todos esses intelectuais eram reaccionários antes da revolução de Outubro. Não, muitos deles, por exemplo, os socialistas-revolucionários (esseristas) lutavam corajosamente contra a autocracia, passaram pela prisão czarista e desterro. Essas pessoas aguardavam o advento da revolução, lutavam para a aproximar, mas esperavam que ela assumisse outras formas, esperavam outra relação de suas forças motrizes e outros resultados. Foi a chegada ao poder da classe operária e não da burguesia (em que essa parte da intelectualidade depositava todas as suas esperanças) que os fez opor-se à revolução socialista. Mas, claro está, no seio da velha intelectualidade havia também monárquicos reaccionários declarados e os ultra-reaccionários a que era estranho qualquer espírito liberal. Na sua maioria, eram oficiais, professores universitários, advogados, funcionários altamente colocados etc. Entre os inimigos da Revolução socialista contavam-se alguns escritores: D.S. Merejkovski, Z. Guíppius, M. Artsibáchev, o filósofo N. Berdiáiev, o sociólogo P. Soróchine, o socialista B. Sávinkov etc.

Desta forma, não há fundamentos para falar numa posição única da intelectualidade em relação à revolução socialista. Parte dos intelectuais — os intelectuais bolcheviques, bem como os que simpatizavam com os seus objectivos sociais — estavam à frente das massas revolucionárias ou lutavam ao lado delas. Um outro grupo de intelectuais assumiu a posição contrária e desempenhava um papel activo no campo da contra-re-

volução. Nem um grupo nem outro constituíam a maioria da intelectualidade. O mais numeroso era o terceiro grupo de intelectuais que assumiu a posição de não ingerência na política, de uma neutralidade instável, precária e carente de princípios. Foi esse grupo que se tornou o objecto principal da atenção tanto da classe operária e dos comunistas como da burguesia e seus partidos, que tentavam submetê-lo à sua influência. A solução do problema da intelectualidade em geral, francamente falando dependia de que força política — a classe operária ou a burguesia — conseguisse “aliciar” para o seu lado esta massa vacilante da intelectualidade.

2. OS COMUNISTAS LUTARAM NÃO CONTRA A INTELECTUALIDADE, MAS POR ELA

As tarefas do ulterior desenvolvimento da revolução predeterminaram também o carácter da política a ser seguida pelo partido dos comunistas, em relação à intelectualidade burguesa. Vivendo com uma grande falta de quadros altamente qualificados, o partido e o Estado soviético decidiram colocar a velha intelectualidade ao serviço do novo regime social. Edificar o socialismo com a ajuda da intelectualidade burguesa, era neste paradoxo político que consistia uma das peculiaridades dialécticas da afirmação e consolidação da nova sociedade.

A linha do partido, visando a angariação da

intelectualidade burguesa para a construção socialista e a defesa da República soviética, começou a ser aplicada por iniciativa de V.I. Lênine, desde os primeiros dias da Revolução de Outubro. Dentro de pouco tempo, foi feito um balanço desta linha que foi fixada no programa do Partido, aprovado pelo VIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da Rússia, em Março de 1919. Um dos capítulos do programa dizia: "...A tarefa do desenvolvimento das forças de produção exige o aproveitamento imediato, amplo e sob todos os aspectos, dos especialistas da ciência e da técnica que nós herdámos do capitalismo..."¹ Isto, apesar de muitos intelectuais estarem «impregnados da concepção burguesa do mundo», conforme salientava o mesmo documento. Mas não havia outra saída, dado que não havia outras pessoas.

O programa do Partido destacava nesta questão dois momentos: por um lado, não fazer a mínima cedência política à intelectualidade burguesa, esmagar quaisquer intenções contra-revolucionárias, e por outro, era necessário combater inclementemente a concepção pseudo-radical, que era, na realidade, a concepção ignorante de que os operários e camponeses estariam em condições de vencer o capitalismo sem estudarem e aprenderem com os especialistas burgueses. Com isto, não se tratou do aproveitamento temporário e puramente utilitário da experiência e dos conhecimentos

¹ *Decretos e resoluções do PCUS...*, vol. 2, p. 52 (em russo).

acumulados pela velha burguesia. O programa realçou que era necessário reeducar esta intelectualidade e, em última análise, fazer dela um aliado da classe operária, na sua luta pelo socialismo.

A aproximação da grande massa de intelectuais com a classe operária, a sua angariação para a luta activa pela reestruturação da sociedade com base nos princípios socialistas—foi este o processo complexo, difícil e contraditório, sem precedentes em toda a história antecedente. O problema da captação da intelectualidade para a vitória e consolidação dum novo regime social só se colocou, em toda a sua plenitude, perante a revolução socialista. É, pois, nisto que consiste a diferença de princípio entre a revolução socialista e a revolução burguesa, perante a qual a história não colocou este problema.

O Estado soviético e o partido dos comunistas guiaram-se, na solução deste problema complexo, pelos princípios elaborados, pela primeira vez, por Lênine. V.I. Lênine, chefe do Governo soviético, nas suas prescrições práticas, partia do estado real das coisas e do facto de que a Rússia carecia extremamente de forças culturais. Não obstante, Lênine considerava profundamente oportunista a ideia de travar, por esta razão, ou adiar por algum tempo a transição para a edificação do socialismo. Sublinhou que era necessário iniciar a construção do socialismo precisamente a partir daquela base cultural e económica que o capitalismo deixou e com o auxílio daquelas pessoas que receberam a sua formação nas condições da

velha sociedade. “...Mas, não é suficiente esmagar o capitalismo—disse Lénine.—É necessário tomar toda a cultura legada pelo capitalismo e com ela construir o socialismo. É necessário tomar toda a ciência, técnica, todos os conhecimentos e toda a arte. Sem isto não poderemos construir a sociedade comunista. É esta ciência, esta técnica, esta arte que estão nas mãos e nas cabeças dos especialistas”¹. Deste modo, tratou-se fundamentalmente da atitude dos comunistas para com a cultura burguesa.

V.I. Lénine considerava que a captação da intelectualidade burguesa para a edificação do socialismo só seria possível quando fossem cumpridos alguns princípios importantes. Assim, a condição necessária para esta atracção era, na opinião de Lénine, o estabelecimento dum rigoroso controlo da classe operária sobre a actividade política da intelectualidade. Os comunistas, a classe operária, apelavam a intelectualidade a cooperar activamente, mas não dividiam com ela o poder. A classe operária foi preparada para a gestão política da sociedade, por toda a experiência anterior da luta de classe, e não pretendia ceder esta sua “supremacia” a ninguém. O proletariado vitorioso tinha pouca experiência quanto ao exercício prático da sua ditadura, da “técnica de administração”, da habilidade de organizar a vida económica e cultural do país numa base científica. Foi-lhe necessário,

¹ V.I. Lénine. *Obras Completas*, t. 38, p. 55 (em russo).

portanto, adquirir esta experiência no processo da edificação da sociedade socialista. Era por isto que Lénine considerava indispensável—e nunca vergonhoso—que os operários e camponeses aprendessem sistemática e obstinadamente junto da velha intelectualidade. Pronunciava-se, resolutamente, contra a arrogante presunção, contra a própria ideia de que a classe operária nada tem a aprender com a burguesia vencida.

O problema do aproveitamento dos conhecimentos e da experiência, acumulados pela intelectualidade burguesa, só podia ser solucionado com a condição de que fosse organizado um amplo trabalho esclarecedor entre os trabalhadores. Os trabalhadores, na sua massa, compreendiam que era impossível construir a nova sociedade sem a intelectualidade. Atribuía grande importância ao trabalho dos cientistas, médicos, professores e engenheiros. Ao mesmo tempo, porém, muitos operários e camponeses precisavam de tempo para superar a convicção de que o intelectual é o defensor dos interesses dos “patrões”, convicção essa que se tinha formado ainda antes da revolução. Eis porque, tendo feito a revolução e derrubado o poder dos capitalistas, os operários demonstravam às vezes certa hostilidade em relação a um intelectual, por exemplo um engenheiro, que ainda ontem estava ao serviço dos exploradores e representava os seus interesses. Era necessário esclarecer, com paciência, os operários e camponeses que o capitalismo lhes deixara uma enorme herança, na pessoa dos especialistas, e que era necessário

aproveitar esta herança racionalmente, como convém a um bom dono.

A dificuldade consistia em que era necessário convencer disto não só as pessoas atrasadas, os operários semi-instruídos e os camponeses analfabetos, mas ainda certos comunistas que rejeitavam a utilização da intelectualidade burguesa por questões “de princípio”. Especulando com a desconfiança por uma parte da massa operária dos intelectuais, os “esquerdistas” N. Bukhárine, N. Os-
sínksi e outros recebiam de maneira hostil as providências, tomadas pelo partido, com vista a atrair os especialistas para a organização da economia e para a construção da nova cultura. Compartilhavam o seu ponto de vista G. Zinóviev e outros opositores.

Considerando que toda a intelectualidade é burguesa, por natureza de classe e suas concepções e que assim seria até ao fim, alguns comunistas manifestavam a opinião de que seria preciso excluir a intelectualidade da vida social do país. Quem demonstrava uma atitude particularmente irreconciliável não eram os operários, mas sim os intelectuais no meio daqueles que encobrendo-se com a cultura proletária, impunham aos operários os seus pontos de vista semi-burgueses e anti-marxistas. Assim, pudemos ver no papel de defensor deste tipo de “pureza de classes” da nova sociedade, por exemplo, o conhecido director de cena V.E. Meierhold, que declarou que “entre a intelectualidade e a classe operária era neces-

sária a mais acentuada cisão”¹. Mais tarde, mudou radicalmente este seu ponto de vista.

Houve, entretanto, um outro extremo, ou seja, o desejo de obrigar toda a intelectualidade a proceder e pensar como os comunistas. Alguns publicistas soviéticos, assim como alguns funcionários do partido consideravam que já que a intelectualidade vive no país que luta pelo socialismo, ela deve ser comunista e só comunista, no seu modo de pensar. Não admitiam a possibilidade de que, para uma parte considerável deste estrato social, fosse necessário um período de tempo bastante prolongado em que a intelectualidade começaria a abandonar as posições ideológicas burguesas, mas em que ainda não estaria amadurecida para se afirmar nos princípios da mentalidade socialista.

Os comunistas, encabeçados por Lénine, travavam uma luta persistente, consequente e intransigente contra as concepções esquerdistas sobre a situação e o papel da intelectualidade na sociedade pós-revolucionária. As questões de luta contra as deturpações da linha leninista, em relação à intelectualidade, foram estudadas em vários Congressos e Conferências do Partido. A exigência de lutar consequente e persistentemente contra a opinião de que a classe operária pode passar sem o auxílio da intelectualidade teve o seu reflexo no programa do partido, assim como nas resoluções de alguns Congressos do Partido Comunista.

Os comunistas seguiam uma nítida linha táctica

¹ *Boletim dos trabalhadores de arte*, 1922, N 4-6, p. 69.

em relação à intelectualidade, linha que levava meticulosamente em conta a posição e o comportamento desta camada social nas condições de ditadura do proletariado. Nunca encaravam a intelectualidade como uma massa única e amorfa, mas sim, tinham uma atitude diferenciada para com os seus diferentes grupos. A atitude dos comunistas para com os intelectuais “neutrais” foi uma prova convincente disto. Lénine chamou à atenção mais de uma vez, que se uma determinada parte da intelectualidade começava a vacilar e a sua posição de hostilidade passava para a neutralidade e a cooperação para com o Poder Soviético, neste caso “a nossa palavra de ordem deve ser o acordo, o estabelecimento das relações de boa-vizinhança”¹. A tarefa não consistia em “logo no segundo dia após a revolução” tornar seus partidários ideológicos àqueles que seguiam concepções políticas diferentes. Isto era impossível. Mas era possível e necessário utilizar estas pessoas para o fortalecimento da nova sociedade. Os comunistas estavam longe de interpretar a neutralidade de muitos intelectuais como manifestação do seu contra-revolucionismo. Antes pelo contrário, consideravam esta neutralidade como um degrau indispensável no avanço da intelectualidade para o reconhecimento das ideias do socialismo. Lénine definiu assim o esquema da adesão das camadas pequeno-burguesas às posições do Poder Soviético:

¹ V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 37, p. 219 (em russo).

“... Primeiro, da hostilidade ao bolchevismo à neutralidade, depois ao apoio daquele.”¹

Naquela altura, para o Estado soviético era preferível que uma determinada parte da intelectualidade permanecesse nas posições de neutralidade e não participasse activamente na luta contra a ditadura do proletariado. No último caso, ganharia o campo dos inimigos da revolução. A neutralização da intelectualidade permitia aos comunistas conquistar à burguesia as suas reservas, facilitava a luta pela consolidação do Poder Soviético, aprofundava a diferenciação da intelectualidade e possibilitava transformar consequentemente as grandes camadas de representantes do trabalho intelectual em seus aliados. Ao preparar o relatório sobre a ditadura do proletariado para o II Congresso da Comintern, Lénine citou, na qualidade de recomendação aos partidos comunistas irmãos, a necessidade de neutralização da intelectualidade burguesa, a fim de não permitir que as suas camadas vacilantes se afastassem para o campo da contra-revolução.²

Reconhecendo a neutralidade dos intelectuais como um fenómeno objectivamente útil, nos primeiros anos do Poder Soviético, os comunistas esclareciam, simultaneamente à intelectualidade que no futuro ela deveria deixar as posições de neutralidade, dado que seria impossível viver na sociedade soviética sem aceitar os seus interesses e ideais.

¹ V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 37, p. 193 (em russo).

² Ibidem, t. 41, p. 450.

Foi esta a linha geral do Partido Comunista e do Estado soviético em relação à intelectualidade burguesa. Não basta, porém, traçar uma linha certa. Era necessário, ainda, elaborar os métodos da sua concretização e aplicar o máximo de esforços para cumprir, na prática, a exigência do Programa do Partido. Como seria possível realizar tudo isto?

Há mais de meio-século, apareceu na literatura ocidental a lenda sobre o “Gólgota” da intelectualidade russa, segundo a qual os comunistas tinham exterminado uma parte da velha intelectualidade, e tinham obrigado a outra parte a exilar-se e privaram os restantes do direito à actividade criadora. Quanto ao próprio facto da passagem duma parte da intelectualidade “salva da devastação” para o lado do Poder soviético é explicado, via de regra, com motivos bastante triviais: a possibilidade de ter o seu pão ou o medo da intelectualidade perante o “terror dos bolcheviques”. Qual é, porém, o verdadeiro panorama histórico? A luta contra a contra-revolução interna e externa exigiu enormes perdas dos operários e camponeses. Centenas de milhar dos melhores filhos do povo trabalhador deram as suas vidas na luta pelos Sovietes. Não obstante, o novo poder não se vingava contra os seus adversários por eles terem pertencido antes às classes exploradoras. Não se vingava também contra a intelectualidade, nem por ela estar estreitamente ligada com o capital, nem pelo facto de a sua maior parte não ter aceite a revolução socialista.

Nos primeiros meses da sua existência, o Poder Soviético nem sequer tencionava criar órgãos punitivos extraordinários. Neste período, funcionavam os comités militares revolucionários, em cuja função entrava apenas o isolamento temporário daqueles elementos que pudessem impedir o fortalecimento do novo regime. Os comités limitavam-se a prisões por um curto prazo de tempo e praticavam, em ampla escala, o direito de libertarem os presos, desde que estes dessem a palavra de honra de não se manifestarem contra o Poder Soviético. Após a revolução, não foram fechados sequer os jornais burgueses e nem se pensava no terror. Foram libertados de breves prisões não só os ministros do Governo Provisório deposto, como também, o general P.N. Krassnov, que interveio contra o novo poder e foi derrubado pelas tropas revolucionárias.¹

Ou tomemos, por exemplo, uma outra figura, P. Páltchinski. Eminente engenheiro, Páltchinski foi administrador do Governo Provisório. Pouco antes da Revolução de Outubro, foi nomeado comandante da guarnição de Petrogrado e praticamente foi ele quem dirigiu a defesa do Palácio de Inverno, no dia do histórico assalto do pa-

¹ O general Krassnov faltou à palavra de honra de não levantar as armas contra o Poder Soviético, fugiu para o Sul do país e tornou-se um dos organizadores da luta contra-revolucionária. Mais tarde colaborou activamente com as tropas hitlerianas, na Segunda Guerra Mundial. Terminada a guerra, foi julgado e executado como um criminoso militar.

lácio pelos destacamentos revolucionários. Foi um inimigo forte do Poder soviético. Não obstante, não só lhe foi conservada a vida, como ainda o chefe do Estado Soviético, Lénine, enviou às autoridades de Petrogrado um telegrama a Páltchinski e perguntava:

“Porque não foi aplicada a ele a lei da amnistia?”

Já que ele é um cientista e escritor, não seria possível—no caso de existirem sérias provas contra ele—proporcionar-lhe condições de vida especiais e mais amenas (como, por exemplo, prisão no domicílio, laboratório, etc.).

Solicito uma resposta *por escrito e imediatamente*”.¹

Páltchinski foi libertado da prisão e nomeado para o posto dirigente da economia nacional.

Mas, se nos primeiros meses da sua existência, o Poder Soviético tratou os seus adversários políticos sem recorrer a severas repressões, ulteriormente, ele se viu forçado a aplicar uma política punitiva mais rigorosa. Assim, a ditadura proletária respondeu com o terror vermelho ao terror branco da burguesia, às revoltas e motins, ao tiro disparado contra Lénine pela “intellectual” F. Kaplan. Contribuiu em grande medida para o agravamento da luta de classes a invasão das tropas dos intervencionistas. O conhecido R. Lockhart, que no Verão de 1918 organizou uma conspiração anti-soviética, escreveu: “O agravamento desta luta sangrenta foi provocado, funda-

¹ *Colectânea das obras de Lénine XXI*, p. 235. (em russo).

mentalmente pela intervenção das tropas dos aliados, tendo feito renascer as falsas esperanças e impelido para a morte milhares de russos. Indirectamente, foi ela que provocou o terror”.¹

Contra os contra-revolucionários manifestos no meio da intelectualidade burguesa, o Poder Soviético aplicou medidas severas, para o que teve o pleno direito moral e político. Estas medidas eram provisórias e, já em Janeiro de 1920, quando não tinha ainda terminado a Guerra Civil, foi promulgada a lei que revogava a pena de morte! Entretanto, mesmo no período de vigência da lei extraordinária sobre o terror contra a burguesia contra-revolucionária, o Poder Soviético e os seus órgãos punitivos recorriam às repressões, apenas nos casos em que esgotavam todas as outras medidas e o inimigo não depunha as armas. Quanto à intelectualidade, neste caso observava-se uma grande cautela. Eis o que dizia a ordem do Presidium da Comissão Extraordinária da Rússia, emitida em 17 de Dezembro de 1919: “... Só se deve recorrer à prisão dos especialistas quando for apurado que a sua actividade estava voltada para o derrube do Poder Soviético. Se o seu trabalho é impecável, não se pode prendê-lo apenas por ele ser um ex-nobre e por que, a certa altura, foi patrão e explorador”.²

¹ Citação do livro: W. Irwine. *Viver com a Rússia*, M., 1958, p. 35.

² *História da Comissão Extraordinária da Rússia. 1917-1927*. Colectânea de documentos. M., 1958, p. 346.

Seria ingénuo negar que foi totalmente possível evitar, os erros, as vítimas desnecessárias, a disparidade entre a culpa e a punição. Isso tudo existiu. No ardor da exacerbada luta de classe e extraordinária incandescência do ódio recíproco entre os revolucionários e os contra-revolucionários, os erros na aplicação de medidas repressivas eram inevitáveis. Assim por exemplo, foram presos por diferentes motivos quase insignificantes os professores I.A. Kablukov, V.I. Vernádski, I.V. Gotié, o músico A.B. Goldenweizer, o editor M.V. Sabáchnikov e outros. Também mais tarde, sobretudo no período do combate contra a sabotagem, houve prisões entre os intelectuais.

De todos estes factos, porém, não podemos deduzir que os órgãos do Poder Soviético revelaram crueldade premeditada, falta de escrúpulos e arbitrariedade. As medidas severas eram objectivamente necessárias. Quanto aos erros que foram resultado de insuficiente maturidade política de certas pessoas no poder, o Estado soviético e o partido governante tomaram medidas eficazes, no sentido de reduzir ao mínimo estes erros ou acabar totalmente com eles.

A violência e a coacção não poderiam, evidentemente, assegurar a cooperação da velha intelectualidade na construção do socialismo. Os comunistas compreendiam-no perfeitamente. V.I. Lénine dizia a este respeito: “Não se pode obrigar um sector social a trabalhar por coacção... Podemos obrigá-los (os intelectuais.—N.ed.) a não tomarem parte activa na contra-revolução, podemos intimidá-los a tal

ponto que não se atrevam a dar ouvidos a nenhum apelo dos guardas brancos... Mas não é possível obrigar a trabalhar com tais métodos todo um sector social...”¹

Sustentando uma decidida luta contra a contra-revolução, o Poder Soviético exortava, ao mesmo tempo, os intelectuais a cooperarem com ele, oferecia-lhes altos postos, em conformidade com os seus conhecimentos e experiência e independentemente das suas concepções políticas. Eram atraídos à cooperação também aquelas pessoas que, tendo escurregado no caminho resvaladiço de “não-aceitação da revolução”, caíram no campo dos guardas brancos e dos intervencionistas. Os órgãos soviéticos demonstravam grande tacto e compreensão para com tais intelectuais, se estes se arrependiam sinceramente do seu erro.

Vejamos, por exemplo, um dos muitos episódios que mostram como os bolcheviques tratavam essas pessoas. Trata-se do engenheiro Lev Iákovlevitch Kárpov, um dos comunistas destacados, chefe da secção química do Conselho Superior da Economia Nacional (CSEN)²: “Certa vez, na porta do seu gabinete apareceu um soldado do Exército Vermelho, de grande estatura, com faixas nas pernas, baioneta no fuzil e uma ordem confidencial escondida na manga. Acompanhava-o um homem de casaco amassado e de barba por fazer há muitos

¹ V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 38, p. 167 (em russo).

² Instituição que administrou a actividade económica do país.

dias. O soldado exigiu que Kárpov lhe mostrasse os documentos e só depois entregou-lhe o envelope selado em que se encontrava um papel mandado pela Comissão Extraordinária Provincial de Odessa. A Comissão Extraordinária “mandava” um certo químico que, conforme se apurou, foi membro do governo contra-revolucionário na Ucrânia e foi condenado ao fuzilamento. Mas, como era um grande especialista, a Comissão Extraordinária mandava-o para que L.I. Kárpov “decidisse a sua sorte”.

— Por acaso sou para vocês uma instituição correcional?—sorriu Lev Iákovlevitch.

Travou, entretanto, uma conversa animada com o químico “escoltado”, em resultado da qual o soldado foi dispensado e o químico... seguiu sem escolta alguma, para assumir as suas novas responsabilidades num laboratório da Secção de Química. Assim voltou novamente à carreira científica um dos grandes cientistas que, com suas obras, enriqueceu substancialmente a química dos minérios combustíveis”.¹

Era alheia ao Poder Soviético a atitude infundada para com a sorte das pessoas. Se havia possibilidade de fazer dum inimigo, se não um aliado, pelo menos um bom ajudante, o Poder Soviético procedia de bom grado a experiências arriscadas e, regra geral não se enganava nas suas expectativas. Mas, como é evidente, havia certo risco e, também, houve fracassos.

¹ O. Pissargévski. *Páginas da vida dum cientista bolchevique*. M., 1960, p. 29.

O Poder Soviético aplaudia cada caso de adesão dos intelectuais burgueses à cooperação na construção da economia e da cultura. “É valioso para nós todo aquele que quer trabalhar ...”¹—sublinhou Lénine. Podemos citar numerosos factos quando o Poder Soviético atraía para a cooperação, os intelectuais que antes haviam combatido contra a ditadura do proletariado. Entre eles figuravam N.N. Kútler—destacado cadete², ministro do czar, após a Revolução de Outubro trabalhou no Commissariado do Povo para as Finanças; P.P. Urussov—ex-membro do Governo Provisório burguês, trabalhou na comissão especial, criada junto ao presídium do CSEN para o estudo da Anomalia magnética de Kursk, etc. Ao mesmo tempo, porém, a classe operária punia severa, mas justamente, aqueles que tentavam combater contra ela de armas nas mãos.

Dando-se perfeita conta de que a coacção e a violência não era o método que conduzia a intelectualidade para o campo da revolução, os comunistas dedicaram uma atenção especial aos métodos pacíficos da sua angariação para a construção do socialismo. Um destes métodos consistia na alta remuneração do trabalho dos grandes especialistas, na criação para determinados grupos da intelectualidade de condições materiais toleráveis no difícil contexto de ruína e fome. O Governo soviético

¹ V.I. Lénine. *Obras Completas*, t. 35, p. 64 (em russo).

² Cadete (abrev.)—membro do partido constitucional-democrata que expressava os interesses da grande burguesia.

aprovou uma resolução especial sobre a concessão de ajuda no trabalho científico dos maiores cientistas I.P. Pávlov, N.E. Jukóvski, K.E. Tsiolkóvski e outros homens da ciência e da arte. Os especialistas qualificados recebiam vencimentos mais elevados, cinco ou seis vezes maiores do que os vencimentos dos comissários do povo e o do chefe do Estado, Lénine. Foi criada uma comissão especial para a melhoria de vida dos cientistas, literatos, foi elevado o salário dos engenheiros, professores, médicos, etc. É bastante curioso o seguinte documento. Em Maio de 1920, a Comissão para a Melhoria das Condições de Vida dos Cientistas decidiu elevar para dois mil o número de rações concedidas aos especialistas em Petrogrado. A resolução aprovada a este propósito dizia: “Conceder, para além da ração alimentar, um par de sapatos, um fato (ou tecido para o fato), três jogos de roupa interior (ou tecido para esta roupa) e seis pares de meias por ano. No tocante à roupa pesada, concedê-la àquelas pessoas que dela mais necessitarem”¹. É muito característico este documento que reflectiu a preocupação do novo poder sobre os cientistas e, ao mesmo tempo, espelhou aqueles anos duros, quando a situação no país foi extremamente difícil, a economia nacional tinha sido arruinada pela guerra mundial e pela má administração dos ministros czaristas, e o Poder Soviético não estava em condições de oferecer os meios

¹ *Organização da Ciência nos Primeiros Anos do Poder Soviético. (1917-1925)*. Colectânea de documentos. L., 1968, p. 341.

de vida necessários a todas as pessoas necessitadas. Foram os tempos em que até o funcionário do Governo soviético, responsável pela distribuição de géneros alimentícios, desmaiava de fome.

Semelhante política do Governo soviético nem sempre era recebida com compreensão por certos sectores da intelectualidade que interpretavam esta atitude do Poder Soviético como a intenção de “comprar” os seus conhecimentos e experiência. Em Março de 1919, o professor catedrático M.P. Dukélski enviou uma carta a Lénine em que declarou que o Poder Soviético tencionava, supostamente, “subornar” a intelectualidade com a perspectiva de “bem-estar animal”. O professor escreveu que, sem a inspiração, sem o entusiasmo ou ardor interno e sem o desejo de criar, nenhum intelectual poderia oferecer nada, por mais caro que fosse pago o seu trabalho.

Os preconceitos e os erros do prof. Dukélski não lhe eram exclusivos. Na sua carta, exprimiu os pensamentos e sentimentos de muitos intelectuais velhos. Foi por isso que Lénine considerou indispensável responder a esta carta nas páginas do jornal central *Pravda*. Lénine esclareceu o professor e, com ele, amplos círculos da intelectualidade, que neste caso não se tratava de nenhum “suborno”. Tratava-se duma grande massa de pessoas que antigamente recebiam sempre vencimentos ainda mais elevados e para a qual, também no Poder Soviético são mantidos vencimentos bastante elevados, embora não tão altos como no passado. E, a isto não se pode chamar suborno. Ao mesmo tempo, Lénine

esclareceu a intelectualidade que se ela tratasse com compreensão, simpatia e sentimento de camaradagem os soldados exaustos, os operários extenuados pelo trabalho e exasperados por séculos de exploração, então a aproximação entre as massas de trabalhadores e a intelectualidade avançaria com ritmo extremamente acelerado¹. Esta carta de Lénine desempenhou um grande papel na captação da parte ainda vacilante da intelectualidade burguesa, para a cooperação com o Poder Soviético.

O método fundamental e mais eficiente de influência sobre os intelectuais foi o método da sua reeducação socialista, de ajuda na revisão das suas concepções do mundo e na superação da desconfiança no socialismo. Os comunistas estavam longe de exigir que os intelectuais burgueses renunciassem imediatamente às suas concepções e que as mudassem inadiavelmente. O Partido só exigia uma coisa da intelectualidade: que ela cumprisse honestamente o seu trabalho. A participação da intelectualidade, na ampla construção económica e cultural, deveria conduzir à alteração das suas concepções do mundo, pois, conforme disse Lénine “o engenheiro chegará ao comunismo de modo diferente que o propagandista clandestino ou o escritor, chegará através dos dados da sua ciência...”².

A criação do ambiente de camaradagem, controlo e influência proletária organizada é este o mo-

¹ V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 38, pp. 218-222 (em russo).

² V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 42, p. 346, (em russo).

mento principal na táctica de Lénine em relação aos intelectuais burgueses. Exigia que os comunistas “aprendessem a ser modestos e a respeitar o trabalho prático dos especialistas da ciência e da técnica”, a “mandar” menos ou, mais exactamente, a deixar de mandar”. “Se todos os nossos organismos dirigentes—escreveu Lénine—ou seja, o Partido Comunista, o Governo soviético e os sindicatos não conseguirem que se cuide como da menina dos olhos de cada especialista que trabalha conscienciosamente, com conhecimento da causa e com amor a ela, mesmo que seja completamente alheio às ideias do comunismo, não se poderá falar de nenhum êxito sério na causa de edificação socialista”¹.

Os comunistas atribuíam uma grande importância às diferentes organizações sociais, em particular aos sindicatos, como instrumentos de influência sobre a intelectualidade. Também os diferentes congressos, conferências, cursos, reuniões e comícios de intelectuais concorreram para uma melhor compreensão da essência e dos objectivos do Poder Soviético. No fundamental, porém, o processo de reeducação dos intelectuais de velha formação dava-se no colectivo laboral, no convívio directo destes com as massas de trabalhadores.

Dedicavam-se à tarefa de captação da intelectualidade para a construção socialista e defesa do país, as melhores forças do Partido Comunista e do Estado soviético. Um notável papel na solução deste problema, desempenhou o próprio V.I. Lénine. De-

¹ V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 44, pp. 350-351.

dicaram muitos esforços e energia ao trabalho com os intelectuais A.V. Lunatchárski, N.K. Krúpskaia, F.E. Dzerjinski, M.I. Kalínine, M.V. Frunze, V.V. Kuibyshev, G.M. Krjijanóvski, N.A. Semachko, M.F. Vladímirski, A.M. Górkí e muitos outros homens destacados do Partido, do Estado e da cultura soviética. Aplicando a política leninista em relação aos quadros da velha sociedade, estas pessoas cumpriam o trabalho aparentemente insignificante, mas na realidade muito importante e indispensável para a conquista moral da intelectualidade.

A experiência histórica mostrou que os métodos de trabalho com a intelectualidade, elaborados pelo Partido Comunista e a definição das vias da sua passagem para as posições da cooperação com o Poder Soviético eram os únicos certos. É evidente que a classe operária vitoriosa encontraria possibilidades para pôr à força, a intelectualidade ao seu serviço. Mesmo naqueles anos de fome, encontraria verbas para comprar os conhecimentos e a experiência dos especialistas, como o fazem os Estados burgueses. Mas nem o primeiro nem o segundo encontrariam a solução radical do problema. Só a conquista moral da intelectualidade, a sua adesão aos ideais do povo revolucionário, a confiança na experiência e competência dos especialistas e os estreitos contactos e convívio dos intelectuais, com as massas de operários e camponeses, podiam ajudar os comunistas a solucionar a tarefa sumamente complexa: tirar os intelectuais das garras da burguesia e reeducar a intelectualidade burgue-

sa de modo a torná-la em intelectualidade socialista. Este foi um processo demorado. Mas ao mesmo tempo era a via mais certa.

3. A INTELLECTUALIDADE BURGUESA AJUDOU OS SOVIETES A GANHAR A GUERRA CIVIL

A Guerra Civil impediu que os operários e camponeses da Rússia soviética desenvolvessem, plenamente, a construção das bases do socialismo. O Estado soviético era obrigado a aplicar o máximo de esforços para se defender contra os numerosos inimigos. Naturalmente, no período da Guerra Civil e intervenção armada, a angariação dos quadros experientes da intelectualidade burguesa, adquiriu uma importância particularmente grande, uma vez que a organização do trabalho das empresas industriais por forma a satisfazer as necessidades da frente de combate, a mobilização das forças científicas para a defesa do país e o fornecimento de quadros de comando para o exército exigia quadros qualificados, dotados de grande experiência, capacidade e conhecimentos. A intelectualidade aderiu à cooperação com os órgãos soviéticos nos mais diversificados sectores da construção militar, económica e cultural. Esta cooperação era imposta não só pelas considerações de necessidade prática, mas também pelas exigências do momento político. Era indispensável integrar a intelectualidade na vida do país, chamar a sua atenção para as questões práticas e persuadi-la de que o Poder Soviético tem como objectivo a manutenção

da integridade estatal da Rússia, a reconstrução da sua economia e cultura, com base num alicerce económico e cultural mais sólido. Era necessário ajudar as pessoas do trabalho intelectual a encontrarem o seu lugar na vida sócio-política do país.

Para o fortalecimento do novo regime social, revestia-se duma importância primordial a tarefa de criar o Exército Vermelho e de o dotar de quadros de comando. Como se sabe, o primeiro decreto, promulgado pelo Governo soviético, foi o Decreto sobre a Paz. Os bolcheviques lançaram, a todas as potências em guerra, o apelo de cessarem esta guerra sangrenta e concluírem a paz sem anexações e contribuições. Entretanto, os governos imperialistas não só não deram ouvidos à conclamação do País dos Sovietes, como ainda por cima iniciaram a marcha militar contra ele. Simultaneamente, vinha adquirindo uma agudeza cada vez maior a Guerra Civil provocada pela resistência da burguesia e da nobreza derrubadas, apoiadas pela reacção internacional.

Para defender a jovem República soviética contra a contra-revolução interna e os intervencionistas estrangeiros, era necessário criar um exército operário-camponês, regular e disciplinado. Para tal, eram necessários, quadros de comando experientes e bem versados na arte militar. O Estado soviético, porém, não dispunha de número suficiente de pessoas que dominassem a arte de comandar as tropas. É verdade, porém, que antes da Revolução de Outubro ao partido dos bolcheviques aderiu uma parte de oficiais, mas os oficiais-comunistas eram

muito poucos e, em regra geral, eram representantes do escalão inferior do comando.

Qual seria a saída desta difícil situação? Perante o jovem Estado soviético abriam-se várias vias de se poder dotar o seu exército de quadros de comando. Assim, por exemplo, era possível convidar um determinado número de instrutores militares dos exércitos de outros Estados. O embaixador dos EUA na Rússia, David Francis, ofereceu à República soviética a ajuda do seu país, para a realização desta tarefa. Os motivos desta sua decisão, expôs ele assim no telegrama, que enviou ao secretário do Estado, Robert Lansing, no dia 23 de Março de 1918: “O meu motivo real e estritamente confidencial é que o exército assim organizado (com o auxílio dos aliados—*N.E.*), graças a métodos apropriados, pode ser tirado do controlo dos bolcheviques e utilizado contra os alemães ou mesmo contra os próprios criadores do mesmo”...¹.

É evidente que o Governo soviético não podia encetar esta via desastrosa e rejeitou decididamente o “cavalo de Tróia” de Francis. A República soviética começou a formar o corpo de comando do seu exército, mediante os métodos definidos pelo carácter da revolução socialista. Em primeiro lugar, um grande número de comandantes formaram-se no decurso da Guerra Civil—uma boa escola de experiência combativa. O povo trabalhador pro-

¹ *História da Guerra Civil na URSS*. Colectânea de documentos e materiais em três volumes, vol. 1, M., 1960, p. 12.

moveu, no seu seio, destacados comandantes militares, como M.V. Frunze, V.K. Bliúkher, S.M. Budiónni, V.I. Tchapáiev, I.E. Dybenko e milhares de outros oficiais vermelhos. A seguir, a república instituiu os seus estabelecimentos de preparação dos quadros de comando. Nos anos da Guerra Civil, as escolas e cursos militares formaram cerca de 70 mil comandantes. Entre eles, os operários e camponeses constituíam a maioria esmagadora.

Mas, simultaneamente, o Estado Soviético não podia renunciar a que o seu exército operário-camponês fosse enriquecido por oficiais experientes graças à angariação, em ampla escala, dos especialistas militares do exército e da armada czaristas, embora isto implicasse uma série de grandes dificuldades. A conhecida personalidade militar, tenente-general do Exército Soviético, M.D. Bontch-Bruiévitich, escreveu nas suas memórias:

“De que modo, eu general do “velho regime” que tinha ocupado altos postos no exército imperial, ainda nas vésperas do Grande Outubro, me vi partidário de Lénine, então pouco compreensível para mim?

Se esta brusca viragem se operasse só em mim, não valeria a pena escrever—são muitos os casos em que sofrem ruptura a psicologia e as convicções das pessoas. Mas acontece que eu fui um dos muitos.

Existe a concepção errada de que a maioria esmagadora dos oficiais do exército czarista combateu, de armas nas mãos, contra os Sovietes. Mas

a História testemunha o contrário”.¹ Pensa-se que se pode dar ouvidos ao homem que atravessou um longo e tortuoso caminho, que usou as patentes de general do exército czarista e a seguir se tornou general do Exército Soviético. Mas, de facto, vejamos o que diz a História.

A Revolução de Outubro fragmentou o corpo de oficiais em vários grupos. Um deles, relativamente pouco numeroso, aderiu imediatamente aos operários e camponeses. São conhecidos muitos casos em que oficiais, muitas vezes altos patentes militares, ofereciam os seus serviços ao povo revolucionário. Assim procedeu, por exemplo o tenente-coronel D.M. Kárbychev, conhecido especialista em engenharia militar, posteriormente herói da Grande Guerra Patriótica. M.S. Kádrov, um dos notáveis funcionários do partido, escreveu que “ainda no governo de Kérenski, N.M. Potápov, ajudante-chefe do Estado-Maior, general, comandante de aquartelamento, ofereceu, por meu intermédio, os seus serviços à Organização Militar dos bolcheviques (e os prestou). Após a insurreição armada de Outubro, Potápov foi nomeado, por nós, chefe do Estado-Maior e administrador (gerente) do Commissariado do povo para Assuntos Militares.”²

Muitos militares do corpo de comando do velho exército se não serviram voluntariamente o novo poder, cumpriram incondicionalmente as suas or-

¹ M.D. Bontch-Bruiévitich. *Todo o poder aos Sovietes*. Memórias. M., 1958, p. 5.

² *De Fevereiro a Outubro*. M., 1957, p. 174.

dens, desde os primeiros dias. O tenente-general do Exército Soviético A.A. Samoilov escreveu sobre isso o seguinte: “Poucos dias após o dia 7 de Novembro, o Governo soviético, formado pela revolução ordenou-me que deixasse o Estado-Maior do 10º— Exército e que fosse a Brest, na qualidade de chefe da Comissão Militar para o Armistício com a Alemanha... Antes de receber esta ordem, era general do antigo exército, ocupava um posto neste exército e, a partir deste momento, rompi todos os contactos com o velho exército e passei a servir o Poder dos Sovietes”¹.

Uma parte substancial da oficialidade, embora não reconhecesse o Poder dos Sovietes, não travou uma luta aberta contra ele, tendo adoptado, nos primeiros tempos, uma posição de expectativa. Estes oficiais não queriam fazer a guerra contra o povo pelo que não se pronunciaram contra os bolcheviques que, embora fossem na opinião deles, “usurpadores”, eram apoiados—e eles viam-no—pelos operários e camponeses. Mais tarde, em virtude da evolução dos acontecimentos na Guerra Civil e da intervenção, esses oficiais viram-se obrigados a alinhar ou com o Poder dos Sovietes, ou com os seus inimigos.

Enfim, outra parte da oficialidade, tão numerosa como a referida, estreitamente ligada à burguesia e aristocracia, entrou abertamente nas fileiras da contra-revolução, constituindo a sua força de choque. A sua educação de casta, as concepções políticas,

¹ Samoilov. *Duas vidas*. M., 1958, pp. 177, 182.

os hábitos relativos a determinadas formas e modo de vida, ligavam, organicamente ao passado, este grupo de oficiais.

V.I. Lénine colocou perante os comunistas e o Estado soviético uma tarefa ousada, mas baseada na análise concreta da situação: atrair especialistas militares burgueses para a organização do Exército Vermelho, para a defesa da jovem República soviética contra a ofensiva de numerosos inimigos. Certamente que ele sabia perfeitamente que muitos oficiais e generais do antigo exército se mostravam hostis para com o Poder dos Sovietes. Sabia ainda a hostilidade que sentiam as massas trabalhadoras em relação aos antigos especialistas militares, vendo neles defensores do derrubado regime explorador. Mas a grandeza de Lénine está precisamente no facto de ter previsto, numa situação extremamente difícil da Guerra Civil, imposta ao povo, aquilo que as amplas massas populares e, mesmo muitos funcionários do partido, ainda não podiam compreender: era impossível organizar um exército de operários e camponeses sem que fossem utilizados os conhecimentos e a experiência dos velhos especialistas militares, e era impossível, por outro lado, salvaguardar as conquistas da revolução sem que fosse criado, nos prazos mais curtos possíveis, um tal exército.

Desde os primeiros dias da existência do Estado soviético procedeu-se à atracção dessas pessoas para a defesa da república. Especialistas militares foram utilizados já na réplica dada nos arredores de Petrogrado, pelo Exército Vermelho, às tropas do general contra-revolucionário Krasnov. Um número

ainda maior de especialistas participou nos combates contra as tropas da Alemanha de Kaiser que haviam começado a ofensiva contra a Rússia soviética. Em Fevereiro de 1918, iniciou-se a criação do Exército Vermelho. Cerca de 8 mil oficiais e generais do velho exército ingressaram voluntariamente nele, já nos primeiros meses desde a sua organização. Em Maio de 1918, o V Congresso dos Sovietes de toda a Rússia aprovou a resolução sobre a mobilização obrigatória de especialistas militares para o Exército Vermelho. Assim, a sua utilização na defesa da República soviética ganhou força legislativa.

A maioria dos antigos especialistas militares ocupavam postos de comando nas grandes e pequenas unidades e nos Estados-Maiores e Quartéis-Generais. Não será nenhum exagero dizer que não havia nenhum regimento nem divisão que não tivesse antigos oficiais e generais em cargos de comandante ou oficial de estado-maior. I.I. Vatsétis e S.S. Kámenev, coronéis do Exército antigo, ocuparam, durante toda a Guerra Civil, os postos de comandante-chefe das Forças Armadas da república. O peso específico dos antigos oficiais e generais czaristas entre os efectivos de comando do Exército Vermelho constituiu, em 1918, 76 por cento, em 1919, 53 por cento, e em 1920, 42 por cento. Convém assinalar que a redução deste peso específico não se deve à redução de recrutamento de especialistas militares ou à sua desmobilização do Exército Vermelho, mas, isso sim, ao crescimento do número de comandantes dentre os operários e

camponeses, formados em estabelecimentos de ensino e transformados em comandantes experientes graças às experiências de combate. Ao todo, no fim da Guerra Civil, os oficiais e generais do Exército antigo que serviam no Exército Vermelho, constituíam cerca de 35% de todos os efectivos de comando do Exército Vermelho, ou seja, cerca de 70-75 mil pessoas.

Os motivos que levaram este grupo numeroso de intelectuais militares a ingressar no Exército Vermelho são diferentes. Primeiro, a Revolução de Outubro foi um acontecimento que levou muitos oficiais a verem de maneira diferente o estado de coisas, provocou profundas transformações psicológicas na sua consciência. Compreenderam que as massas populares têm razão na sua luta e não quiseram separar-se do povo. Mais ainda, a Guerra Civil e a intervenção das tropas estrangeiras exerceram uma influência enorme sobre as suas convicções políticas. Todo o indivíduo honesto compreendia que os imperialistas, aliados aos governos dos guardas brancos, que surgiam em diversos pontos do país enorme, sufocariam a liberdade e independência da Rússia que deixaria de existir, convertendo-se em semi-colónia das potências imperialistas. Enfim, os argumentos mais convincentes para os especialistas militares eram os objectivos da revolução, a política do Partido Comunista, do Poder dos Sovietes, orientada para a transformação da Rússia atrasada, numa poderosa potência. Imbuídos de sentimentos do patriotismo, de amor à Pátria, muitos antigos oficiais e generais alinharam

com o povo revolucionário.

Muitos especialistas militares tornaram-se heróis da Guerra Civil. O antigo general A.D. Stankévitch, ferido, foi feito prisioneiro dos guardas brancos. Rejeitou com indignação todas as suas promessas e foi enforcado. O seu corpo foi inumado ao lado da Muralha do Kremlim em Moscovo. O antigo coronel G.K. Petrov foi fuzilado, entre os 26 comissários de Baku,¹ pelos intervencionistas britânicos e sociais-revolucionários. Convém mencionar, mais pormenorizadamente, A.A. Taube, um homem extraordinário. Sendo, primeiramente, chefe do Estado-Maior, e mais tarde, comandante-chefe da região militar de Omsk, o tenente-general, barão A.A. Taube tinha apoiado os bolcheviques ainda antes da Revolução. Em 1918, participou na organização do Exército Vermelho na Sibéria, comandou muitas operações. Quando se verificou uma derrota temporária das unidades revolucionárias, Taube foi encarregado de estabelecer a comunicação com a Rússia soviética. Possuidor de documentos falsos, o “general vermelho” tentava ganhar o Ocidente, mas, foi identificado e aprisionado, I.B. Chuliátski, um dos prisioneiros que escapou à morte casualmente, viria a escrever, anos depois: “A ideia de se ver, por meio da fuga, liberto, na taiga, entre os guerrilheiros da Sibéria, não aban-

¹ Referimo-nos aos 26 activistas revolucionários na região da Transcaucásia, fuzilados em 1918 pelos sociais-revolucionários e intervencionistas britânicos.

donava Taube... O general pensava que o movimento revolucionário da taiga precisaria duma direcção militar pelo que, ele, perito em assuntos militares, poderia dar aos guerrilheiros uma ajuda preciosa. Taube meditava minuciosamente nos planos estratégicos e pedia aos companheiros, que tivessem ligações com o exterior que levassem as suas directrizes para a taiga siberiana”¹.

O Tribunal Militar condenou A. Taube à pena de morte. Mas antes da execução, tentaram, uma vez mais, convencer o general a “renegar o bolchevismo” e a passar para o lado dos guardas brancos. A única resposta que o prisioneiro deu a todas as promessas foi a seguinte: “Os meus cabelos brancos não me permitem, na velhice, mudar para o campo dos intervencionistas e inimigos da Rússia trabalhadora”. O patriota preferiu morrer na masmorra, a manchar a sua honra, servindo os inimigos do povo trabalhador.

Podemos referir ainda muitos outros exemplos. O destacado funcionário do Partido e militar, S. Gússev escrevia que “muitos especialistas militares trabalhavam sem descansar, comer e dormir à vontade; muitos suportaram juntamente com os seus soldados, as privações da vida militar, combateram e morreram heroicamente”²

Mas nem sempre acontecia assim. No meio da intelectualidade militar havia muita gente que in-

¹ *A Gente da Sibéria Central*. M.-L. 1927, p. 156.

² S.I. Gússev. *A Guerra Civil e o Exército Vermelho*, M. 1958, p. 56.

gressara no Exército Vermelho com objectivos contra-revolucionários e traíra o Poder dos Sovietes. Todavia, casos de traição haveria muitos mais, se o Partido não tivesse controlado, através de comissários militares, a actividade dos especialistas (no fim da guerra, havia 5200 comissários militares). Pode-se dizer que os comunistas se aproveitaram, em certa medida, da experiência da Revolução Francesa do fim do século XVIII. Contudo seria errado pensar que os comissários eram obrigados a mandar, de revólver em punho, um especialista militar fazer aquilo que ditava a situação de combate. Isto não era possível de qualquer modo, porque é absolutamente impossível obrigar um oficial experiente, a não ser que ele próprio o quisesse, a elaborar os bons planos estratégicos, ou dar ordens, durante um combate, sob a mira de uma arma.

Obrigar o antigo oficial a servir o Poder dos Sovietes era, evitando quaisquer desconfianças doentias, encontrar cuidadosamente acesso ao indivíduo, ajudá-lo a tomar consciência da utilidade do seu trabalho para o povo, a dar-se conta da essência e do sentido dos acontecimentos ocorridos no país e a tomar a posição correcta na luta com os intervencionistas e guardas brancos. Assim procederam muitos comissários bolchevistas. Graças ao seu trabalho educativo minucioso, baseado na confiança e numa elevada exigência, trabalho realizado diariamente, muitos milhares de antigos oficiais tomaram o caminho certo, combateram lealmente e deram a sua experiência e os seus conheci-

mentos em benefício do povo trabalhador.

O Partido e V.I. Lénine apreciaram altamente a actividade destes homens no comando das operações de guerra. Lénine salientava que “apenas graças à ajuda deles é que o Exército Vermelho pode alcançar as vitórias que alcançou”¹. Os oficiais e generais do antigo Exército vieram a desempenhar um papel de relevo também na organização do Exército Vermelho e alguns deles, designadamente, B.M. Chápochnikov, A.I. Egórov, M.N. Tukhatchévski, L.A. Góvorov, A.M. Vassilévski, F.I. Tolbúkhine, I.K. Bagramian, V.D. Sokolóvski tornaram-se Marechais da União Soviética.

A larga participação de especialistas militares, na organização do Exército Vermelho e na defesa da República soviética, permitiu acumular uma rica experiência que viria a desempenhar um papel importante na ampla promoção dos intelectuais para o trabalho em diversos sectores da construção estatal, económica e cultural. Não havia qualquer organização central ou local, responsável por um sector económico de certa importância, que pudesse passar sem a ajuda dos especialistas burgueses.

De particular importância se revestia a tarefa de garantir a cooperação dos sectores mais qualificados da intelectualidade antiga, isto é, dos cientistas, dos professores catedráticos universitários, engenheiros experientes. Em 1918, foi instituído, com este

¹ V.I. Lénine, *Obras Completas*, t. 40, p. 199 (em russo).

fim, a Secção de Promoção dos Quadros Científicos para as Actividades Estatais adjunto ao Comissariado do Povo para a Instrução. Já na Primavera do mesmo ano, a Academia das Ciências declarou estar disposta a cooperar com o Poder dos Sovietes. Também ganhou uma amplitude relevante a actividade relativa ao envio de expedições para estudo das forças produtivas naturais. Muitos cientistas vieram trabalhar com vista à defesa do país. Cumprindo as encomendas do Exército Vermelho os cientistas resolveram numerosos problemas tecnológicos complexos referentes ao abastecimento do Exército de munições e armas.

Paralelamente, as investigações científicas prosseguiram nos outros importantes domínios da ciência. O professor catedrático Vavílov fez, em 1920, na cidade de Sarátov, uma conferência de excepcional importância científica e prática em que expôs novos princípios da mutabilidade dos organismos. Esta teoria revelou-se um fenómeno de grande valor na biologia mundial e tornou-se uma bússola no trabalho de botânicos, seleccionadores e agrónomos. Os jovens cientistas— M.I. Súslin, P.S. Urisson, P.S. Alexándrov, A.I. Khíntchine, A.N. Kolmogorov, D.E. Menchov— fizeram descobertas importantes no campo da matemática. O académico, A.F. Ioffe dirigiu grandes trabalhos da investigação na física teórica. Também desenvolvia a sua actividade a Comissão Atómica da Academia das Ciências, onde trabalhavam os cientistas destacados, A.N. Krylov, A.F. Ioffe, D.S. Rojdéstvenski e outros. O célebre cientista F.A. Tsander debruçava-se

sobre a elaboração do propulsor dum foguetão capaz de superar a gravidade da Terra.

Foi uma grande conquista do pensamento científico, a elaboração do Plano de Electrificação da Rússia (GOELRO). Em 1920, foi criada, por iniciativa de Lénine, a Comissão Estatal para a Electrificação do País de que fizeram parte os eminentes cientistas e técnicos—G.O. Gráftio, E.I. Chulguíne, A.A. Górev, K.A. Krug, I.G. Alexándrov, B.I. Vedenéiev e muitos outros. Não eram comunistas, antes ao contrário, quase todos se opunham ao Poder dos Sovietes. Mas, do ponto de vista da sua ciência, tiveram de reconhecer que o Poder dos Sovietes oferecia brilhantes oportunidades para a criação científica e desenvolvimento económico do país. Eis porque os elaboradores do plano GOELRO trabalhavam com grande esforço e com entusiasmo criativo. No prefácio do livro que expõe este plano, os especialistas viriam a escrever: “Sentíamos um árduo desejo de contribuir, na medida das nossas forças, para a grande criação da vida nova cujo anunciador foi, por caprichos da sorte, o nosso país... Estamos seguros do nosso futuro, pois, ele está nas mãos fortes dos verdadeiros construtores da vida...”¹.

O próprio facto de que, nas condições extremamente difíceis do bloqueio, da fome, da Guerra Civil e da intervenção, não cessou de pulsar no meio de cientistas o vivo pensamento criativo, que a ciência se aproximou da vida do povo, das suas carências e necessidades, constitui um fenómeno as-

¹ *Plano de Electrificação da Rússia*. M., 1920, p. 5.

sinalável na história da intelectualidade russa. A.M. Górkí, que conhecia intimamente naquele tempo o mundo científico e contribuiu grandemente para o estabelecimento do entendimento entre os intelectuais científicos e o Poder dos Sovietes, viria a escrever numa carta ao académico S.F. Oldenburg: “Vi o grande heroísmo e a coragem estóica com que os obreiros da ciência russa sofriam os tormentos de fome e de frio; vi como eles trabalhavam e como morriam. As impressões que tinha naquela altura, levaram-me a sentir uma profunda e respeitosa admiração perante vós, heróis do pensamento livre, intrépido e investigador. Creio que os cientistas russos, a sua vida e o seu trabalho durante a intervenção e o bloqueio deram ao mundo uma excelente lição de estoicismo...”¹.

Muitos especialistas trabalhavam nas fábricas, na administração industrial. Figuravam entre eles mesmo os antigos proprietários de empresas. Os operários progressistas compreendiam que só podiam aprender a arte de administração com os especialistas burgueses, que só eles os podiam ajudar a assegurar o funcionamento mais ou menos normal das empresas. Os operários notavam a atitude hostil de muitos especialistas face ao novo regime, sabiam que estes se aproveitariam da primeira oportunidade para desertar das empresas, mas mesmo assim, deixavam semelhantes pessoas permanecerem nos postos dirigentes. O Presidente do Comité Executivo Central de toda a Rússia (CECR), M.I. Kalínine, ele

¹ O *Pravda*, 4 de Setembro de 1925.

próprio, antigo operário, referia este episódio: “Eu trabalhava na empresa AIVAZ e sabia a atitude dos operários para com o engenheiro Petrov. Sabia-a perfeitamente. Essa atitude estava longe de ser amigável. E no entanto, quando os operários tomaram o poder, escolheram-no para director da empresa. O motivo disso era o seguinte: dado que ele os tinha explorado bem no regime capitalista, conseguiria explorar a empresa nas novas condições”¹.

A política económica do Estado dos operários e dos camponeses não podia deixar de agradar a qualquer especialista honesto. Os seus sentimentos de criador, de construtor foram despertados pelo Poder que, ainda nas condições de luta com os inimigos e de ruína, procedeu à reconstrução e reorganização da economia atrasada, herdada do capitalismo. Graças à participação, num trabalho concreto que lhes deu o Poder dos Sovietes, muitos especialistas viram-se afastados dos sectores contrarrevolucionários da intelectualidade. Centenas de engenheiros competentes entravam nas empresas cheios de cepticismo, profundamente alheios às ideias da construção do socialismo. Mas, passado certo tempo, convertiam-se em bons gerentes da produção e partidários activos das ideias dos bolcheviques de renascimento económico do país.

Muitas centenas e milhares de especialistas, não escondiam que não acreditavam nos planos dos

¹ *Estenograma dos Relatórios no I Congresso dos Engenheiros, Membros dos Sindicatos de toda a Rússia*, M., 1923, p. 28.

bolcheviques, de reorganização social da sociedade, mas estavam dispostos a cooperar com o Poder dos Sovietes honestamente e até ao fim, não traíndo a sua vocação de criar e não de destruir. Passados alguns anos e estas pessoas viriam não só a acreditar no socialismo, como a aplicar todas as forças, para darem todos os seus conhecimentos e experiência para acelerar a construção do socialismo.

O destacado fundidor I. P. Bárdine traduziu bem o estado de espírito deste grupo de intelectuais: “Nós, engenheiros, ansiosos por proceder a um trabalho interessante, cansados com a monotonia rotineira do pensamento técnico, com grande entusiasmo, pusemos mãos à obra de construção, entregando-nos inteiramente a este empreendimento magnífico”¹.

Era muito importante para o jovem Estado soviético obter a cooperação dos sectores intelectuais tão numerosos como os dos representantes do ensino e da saúde pública. Era extremamente difícil trabalhar nas escolas, nas condições da guerra e da ruína. Os edifícios estavam fora de uso, faltavam material didáctico, equipamentos escolares, artigos para escrever. Mas mesmo assim, a maioria de professores cumpria honestamente o seu dever perante o povo, o dever de ensinar as crianças a ler e escrever e iniciá-las nos rudimentos da cultura. Em vez de reduzir-se,

¹ I.P. Bárdine. *A Vida do Engenheiro*, Novossibirsk, 1939, p. 102.

a rede de escolas ampliou-se, enquanto o número das crianças que as frequentavam ultrapassou o nível pré-revolucionário quase em dois milhões.

No período da Guerra Civil e da intervenção, revestiu-se de importância particular o trabalho dos intelectuais médicos. Um grupo reduzido de médicos assumiu os cuidados de recuperação de soldados feridos, de combate às epidemias e consequências da fome, de assistência médica à população, de aplicação de medidas sanitárias preventivas e muitas outras preocupações.

A mais brilhante página na história da medicina soviética é a luta dos médicos contra as epidemias em massa de tifo, cólera e gripe espanhola. Os médicos trabalhavam 15-16 horas por dia; faltavam medicamentos, curativos, equipamentos. Mas apesar de tudo, a catástrofe foi prevenida. “Não será nenhum exagero dizer—dizia um dos dirigentes dos serviços médicos, o médico comunista Z.P. Soloviov—que a luta anti-epidémica representava, durante a Guerra Civil, um assalto que o médico militar empreendia conscientemente, tendo presente o seu dever do médico e revolucionário”¹. Este “assalto” causou grandes perdas entre os médicos. A mortalidade do pessoal médico atingia, por exemplo, na parte oriental do país, 80 por cento, ultrapassando assim as perdas humanas registadas nos combates mais sangrentos. A mesma

¹ Z.P. Soloviov. *Obras Escolhidas*, M., 1956, p. 421.

abnegação foi revelada pelo pessoal dos estabelecimentos da Cruz Vermelha, dos hospitais urbanos e rurais.

O povo revolucionário teve em alto apreço o nobre trabalho e abnegação do pessoal médico e sanitário. A imprensa central e local, os jornais do Exército Vermelho publicavam numerosas cartas e notas em que os habitantes das cidades e das aldeias, os soldados do Exército Vermelho feridos ou doentes agradeciam aos médicos. Muitos foram condecorados com ordens, diplomas de honra e presentes valiosos.

Os comunistas empenharam esforços enérgicos para atraírem para o seu lado, a intelectualidade artística. Assim, o partido enviou para trabalhar no seio de escritores, pintores, artistas, o Comissário do Povo para a Instrução, A.V. Lunatchárski, homem de erudição realmente enciclopédica. O actor L. I. Prozoróvski evoca o primeiro encontro de Lunatchárski com a elite intelectual de Moscovo. “Enfim, o “comissário dos operários”, “um tal Lunatchárski” começou a falar... A pouco e pouco, fez-se silêncio na sala... Os presentes esqueceram-se do frio... Entretanto, “o comissário dos operários e camponeses” continuava a falar. Muitos actores que tinham passado toda a sua vida em Moscovo ou Petersburgo e tinham conhecido eminentes críticos do Teatro e das Artes russos asseguravam-me, sob juramento, após a reunião, que nunca tinham visto, até este momento, uma pessoa cujos conhecimentos sobre a arte e a literatura de todos os povos fossem tão ricos como os deste comissário

dos operários e dos camponeses”¹.

Foi inapreciável o papel que desempenhou A.M. Górkí no trabalho de atracção dos antigos intelectuais para o lado da Rússia revolucionária. Ainda no auge da Guerra Civil, lançou um “Apelo ao Povo e aos Trabalhadores Intelectuais” em que exortava: “...os representantes do trabalho intelectual devem decidir se se identificam com o papel de defensor do velho regime, de representante do poder da minoria sobre a maioria, nocivo para a cultura, caduco, já intolerável, ou de promotor de novas ideias e emoções sociais que leva à prática o belo sonho de todos os trabalhadores sobre a felicidade do trabalho livre, sobre a fraternidade dos povos”.² A voz de Górkí ressoou por todo o mundo e teve uma larga repercussão em todos os sectores da sociedade russa, desengando os intelectuais confundidos e aqueles que não abandonaram as esperanças de restauração do velho regime.

Górkí procedeu, em condições extremamente difíceis, em Petrogrado, a um grande trabalho destinado a atrair os intelectuais para a cooperação com o Poder dos Sovietes, ajudando os escritores, cientistas, pintores, actores. Organizou à sua volta um comité não oficial de assistência aos intelectuais, fez todas as diligências para a instalação de refeitórios, distribuição de rações alimentares, promoveu a publicação das obras, intercedeu a favor de

¹ L.I. Prozoróvski. *Dos Anos Passados*. M., 1958, p. 126.

² A.M. Górkí. *Obras Completas*, t. 24, Moscovo, 1953, p. 189.

presos, etc. Enfim, no dizer de A.A. Blok, a sorte escolheu Górkí para ser “intermediário entre o povo e os intelectuais”¹.

No entanto, a actividade de personalidades, mesmo tão destacadas como eram A.V. Lunatchárski e A.M. Górkí, não teria dado, certamente, frutos palpáveis, se não assentasse no sólido apoio dos comunistas e na política do Estado no capítulo do desenvolvimento da cultura e na atitude face à herança cultural do passado.

É sabido que muitos intelectuais, iludidos com as invencionices dos contra-revolucionários sobre a morte da civilização, supostamente chamada pelos bolcheviques, não vendo nada atrás da destruição do caduco, recusavam-se abertamente a cooperar com o Poder dos Sovietes. Mas o que é que acontecia na verdade?

Será difícil referir qualquer outro problema ao qual dispensassem os comunistas a atenção igual como ao problema da herança cultural. Declaravam que só os trabalhadores são os legítimos herdeiros da massa dos conhecimentos acumulada pela Humanidade, que, sem a assimilação de todas as riquezas da cultura mundial, os operários e os camponeses não estariam em condições de proceder à criação da cultura do mundo futuro e, por conseguinte, não estariam em condições de construir o socialismo.

Ao mesmo tempo, os comunistas sublinhavam que herdar a cultura do passado e assimilar os

¹ *As Artes*, 1 de Abril de 1918.

valores culturais não significa ser omnívoro e acomodaticio. Combatiam perseverantemente as manifestações de atitude gratuita e simplista para com a herança cultural, as pretensões à utilização absoluta, sem espírito crítico, de todos os componentes da velha cultura. Herdar a cultura da sociedade precedente significa pôr ao serviço da nova sociedade, todos os seus elementos valiosos, são e democráticos e, por outro lado, cortar tudo o que há de retrógrado, reaccionário, anti-popular.

A revolução cultural proletária defende, protege, guarda e desenvolve a herança cultural legada pelas gerações anteriores. A maior riqueza são, porém, os homens, portadores e obreiros dos valores culturais, materiais e espirituais do povo. Mesmo que nem todos os homens da cultura tivessem estado ao lado do povo que levou a cabo a grande revolução, mesmo que para muitos deles as ideias comunistas fossem estranhas, a classe operária, o seu partido dispensaram sempre a mais cuidadosa atenção ao trabalho orientado para os ganhar para a causa do Poder dos Sovietes.

A casta belicosa dos eleitos “pontífices” da intelectualidade burguesa acusava o Poder dos Sovietes de não poupar os intelectuais. No entanto, o Professor catedrático A.Iatchénko, homem que de modo algum pode ser identificado como um simpatisante dos bolcheviques, escrevia na revista “O Livro Russo”, editada pelos emigrantes russos em Berlim: “Seria injusto acusar os bolcheviques de perseguições dos literatos russos ou dos cientistas russos, ou mesmo de desprezo por eles. Pelo

contrário, a imparcialidade, infelizmente tão rara nos nossos tempos, impõe reconhecer que, se a vida de alguém na Rússia não correu ultimamente o menor perigo, foi a vida dos escritores e dos cientistas”¹.

Em resultado da actividade revolucionária, bem como da política do Estado soviético no campo da cultura, foi-se formando a nova concepção do mundo, transformou-se a consciência e foram remodeladas as actividades criativas de todos os artistas honestos, de todas as personalidades da Cultura, o que possibilitou a sua aproximação aos interesses das massas trabalhadoras. Passados apenas vários meses desde o Outubro, aqueles que não tinham cegado com o ódio ao Poder dos Sovietes, que tinham conservado a capacidade de avaliar sensatamente o ocorrido, puderam ver que as medidas tomadas pelo Estado soviético, em matéria de literatura e de Artes, testemunhavam a intenção de ligar organicamente a construção da cultura nova de massas, às melhores tradições progressistas da cultura do passado, puderam convencer-se de que a revolução não só não pretende desprestigiar os melhores ideais da cultura nacional, como ainda assume a sua defesa, apela para que sejam levados às massas populares.

O trabalho realizado pelos comunistas no seio dos intelectuais das artes começava a dar frutos. Os seus melhores representantes, por mais que os

¹ *O Livro Russo*, Berlim, 1921, № 1, p. 3.

advogados da burguesia os intimidassem com o socialismo, passaram a prestar ajuda ao Poder dos Sovietes no campo da construção cultural. Os sectores mais sãos e mais democráticos da intelectualidade artística, não conseguindo compreender e aceitar tudo logo após a revolução, mais tarde, superados os erros e as hesitações, acabaram por fazer a opção decisiva. Poucos podiam dizer, tal como V. Maiakóvski: “É minha esta revolução!”, mas mesmo assim, os intelectuais não abandonaram o seu povo nos tempos difíceis. Não ficaram na Rússia graças a um “sentimento revolucionário” mas, sim, em virtude do sentimento nacional, patriótico, do amor à arte da sua terra. Exemplificou bem este sentimento a conhecida poetisa russa, Anna Akhmátova:

Houve uma voz que me chamava acolhedora
Dizia: “Vem cá
Deixa este país obscuro e pecador.
Deixa a Rússia para sempre.
E eu lavarei o sangue das tuas mãos,
e apagarei a negra vergonha do teu coração
Com novo nome cobrirei
A dor das derrotas e opróbrios.
Mas tapei os meus ouvidos
Indiferente e serena
Para que não maculassem o meu pesar
Estas palavras indignas”¹.

Certa vez, Alexandre Blok disse aos presentes

¹ Anna Akhmátova. *A Corrida do Tempo*. M., 1965.

apos ter lido de cor esta poesia: “Akhnátova tem razão. É uma conversa indigna. Fugir da revolução russa é uma vergonha”¹. A poetisa não compreendia e não podia aprovar para si muita coisa, mas tinha uma convicção incontestável:

Não estou com quem deixou a terra
A ser dilacerada pelos inimigos.
Não dou ouvidos a lisonja indecorosa
E não lhes darei minhas canções².

Este amor à Rússia era o sentimento essencial de muitos intelectuais. Um dos colegas do conhecido cantor de ópera russo, L.V. Sóbinov, testemunha: “Ele ensinou-nos não só a disciplina profissional, mas ainda o amor à Pátria. Quase todos os solistas do elenco se viriam a recusar a emigrar embora muitos, e eu também, tivessem ouvido as propostas de trocarem “a pesada realidade russa” por uma existência abastada num país capitalista”. Durante a Guerra Civil, calhou que L.V. Sóbinov se viu obrigado a viver, certo tempo, numa área ocupada pelos guardas brancos. Persuadindo-o a partir para o Ocidente, ofereceram-lhe mesmo um pacote particular. Falando a esse respeito, ele dizia à sua secretária E. Ievstáfieva: “Seja o que for e como for, não deixarei a Rússia”³. Aliás, L.V. Sóbinov não era o único patriota. Não custaria nada a emigrar também a A.A. Bakhrúchine, um

¹ K.I. Tchukóvski. *Os Contemporâneos*. M., 1962, p. 484.

² Anna Akhnátova. *A Corrida do Tempo*, M., 1965, p. 201.

³ S. Migai. *Os Concertos para o Povo*. “Música Soviética”, 1957, № 11, p. 29

milionário, fundador dum museu teatral. Mas o amor à Pátria e à sua cultura determinou-o a ficar no país em que reinavam o frio e a fome. A.A. Bakhrúchine ofereceu o seu museu à cidade de Moscovo e, mais tarde, cooperou activamente com o Poder dos Sovietes.

Assim entre os motivos que determinaram as posições de uma parte substancial dos intelectuais das artes, convém referir os seguintes: a atitude do Estado soviético para com a herança cultural do passado, o amor à Pátria, o amor ao seu ofício. É por isso que, tal como Akhnátova, não traíram as suas canções e trabalharam na medida das suas forças: os literatos A.A. Blok, V.I. Briúsov, V.V. Veressáiev, V.A. Chichkov, S.A. Iessénine, A.S. Grine; os actores K.S. Stanislávski, M.N. Iermólova, A.I. Iújine, V.I. Katchálov, A.V. Nejdánova; os compositores N.I. Miaskóvski, B.V. Asáfiev, R.M. Gliér, M.M. Ippolítov-Ivanov; os pintores S.T. Konenkov, A.E. Arkhípov, K.A. Koróvine, K.F. Ione, V.E. Makóvski, V.M. Vasnetsov, P.P. Kontchalovski, A.S. Golubkina e muitas outras personalidades da cultura russa.

Entretanto, cresceu, no fogo da Guerra Civil, a jovem geração da intelectualidade artística que logo teria de construir a nova cultura; a cultura soviética. Na literatura apareceram K. Fédine, I. Bábel, E. Bagrítski, B. Pasternak, N. Tíkhonov, M. Chólokhov, D. Fúrmanov, A. Fadéiev, M. Bulgákov; no palco formavam-se jovens actores V. Bársova, M. Maxákova, M. Réizen, I. Kozlóvski, V. Chtchúkine, A. Tarássova, N. Khmeliov,

I. Ilhínski e outros que se estrearam na literatura e nas artes no decénio que se seguiu a revolução.

De ano para ano, o processo de diferenciação da velha intelectualidade, de saída do seio dos antigos intelectuais de largos grupos de pessoas identificadas com o Poder dos Sovietes foi-se intensificando. Paralelamente saíam dos círculos intelectuais elementos de matizes francamente contra-revolucionários que entravam numa luta implacável contra o poder dos operários e camponeses. O envolvimento dos intelectuais burgueses em conspirações e sublevações era uma rotina. Assim, em 1919, os órgãos punitivos soviéticos descobriram a grande organização contra-revolucionária “O Centro Nacional”. Entre os conspiradores figuravam muitos catedráticos, engenheiros, juristas, professores. Em 1921, descobriu-se uma conspiração anti-soviética em que estava activamente envolvido o conhecido poeta N. Gumilev. Naturalmente que, quando se tratava de contra-revolucionários abertos, as autoridades soviéticas procediam conforme as duras leis da defesa do Estado proletário. Já era diferente o caso dos intelectuais não identificados com graves acções anti-soviéticas, embora continuassem a ser os inimigos potenciais da ditadura do proletariado. Neste caso, procurava-se superar a sua resistência, controlar a sua actividade, esclarecer-lhes os objectivos e a política do Poder dos Sovietes.

Tal era a situação dos intelectuais, que viviam no território da República soviética, principalmente, na sua parte central. Mas muitos intelectuais

ficaram durante a guerra civil no território ocupado pelos governos contra-revolucionários e intervencionistas. Numerosos intelectuais não apoiaram as palavras de ordem políticas, lançadas pelos governos dos guardas brancos e, não raro, passaram à clandestinidade para lutar contra eles; outros abstiveram-se da participação directa na vida política, ou ainda, tal como o escritor V.G. Korolénko, que esteve na cidade de Poltava, ocupada pelas tropas nacionalistas ucranianas, protestaram contra as atrocidades e as violências, intercederam pelos condenados inocentes. Contudo, muitos intelectuais ingressaram nos exércitos dos generais brancos e dos intervencionistas.

Durante a Guerra Civil e depois do seu fim, uma parte de elementos contra-revolucionários emigrou. A emigração branca é um fenómeno sem precedentes na história mundial. Nenhum país do mundo até lá conheceu uma situação em que dois milhões de pessoas se viram alheias e politicamente hostis ao poder instaurado no seu país. Viram-se na emigração falhados políticos, latifundiários, capitalistas, comerciantes, funcionários públicos de diversas categorias, generais, oficiais, soldados dos exércitos brancos derrotados, parte dos intelectuais e enfim, pequeno-burgueses assustados.

A emigração não só dividiu a “sociedade”, mas ainda, às vezes, desintegrou famílias inteiras. É conhecido, por exemplo, o caso de S.F. Oldenburg que, na qualidade de Secretário Permanente para as Questões científicas da Academia das Ciências, trabalhou com grande esforço e utilidade para bem da

República soviética, enquanto o seu filho era uma personalidade destacada da emigração branca. O irmão de A. Latsis, um dirigente da Comissão Extraordinária de toda a Rússia (CER)¹, era um militante activo duma organização terrorista dos emigrantes. A lista de semelhantes exemplos podia ser certamente prolongada.

Na emigração ficaram várias individualidades destacadas da cultura russa: os escritores A. Kuprîne, A. Tolstoi, I. Búnine, A. Rémizov, L. Andréiev; os compositores S. Rakhmáninov, N. Métnér, A. Gretchaninov, além de pintores, actores e cientistas. A maior parte das emigrações incide nos anos da Guerra Civil. Mas ainda na década de vinte, a emigração não cessou, só que, certamente, reduzida nas suas proporções. Foi precisamente nessa altura que deixaram o país para sempre o grande cantor de ópera, F. Chaliápine, o xadrezista A. Aliókhine, o químico V. Ipátiev, o engenheiro notável A. Tchitchibábine, o actor M. Tchékhov, a poetisa M. Tsvetáieva, etc.

Os motivos que levaram esta gente para o estrangeiro foram os mais diversos. Uns deixaram a Rússia soviética por terem “divergências ideológicas” com o poder dos operários e camponeses. Outros recuaram, ante a eminência das dificuldades de vida num país pilhado e miserável, outros ainda pensavam que a Rússia morrera para sempre,

¹ CER (Comissão Extraordinária de toda a Rússia) — órgão especial de combate contra a contra-revolução e sabotagem.

morrendo com ela a cultura russa. Certos intelectuais pensavam, refugiando-se na Europa Ocidental ou na China, esperar o fim das calamidades até que voltassem os tempos melhores. Enfim, uma parte dos intelectuais foi proscrita (por exemplo, em Outono de 1922) pelos órgãos do Poder dos Sovietes.

Seria errado pensar que as perdas sofridas durante a Guerra Civil ou as fugas para o estrangeiro de parte dos intelectuais não tivessem prejudicado o desenvolvimento da cultura nacional. A perda de parte considerável de destacados cientistas, técnicos, literatos, artistas, pedagogos enfraqueceu francamente as já pouco numerosas forças culturais do país e produziu efeitos negativos numa série de aspectos importantes da vida. Todavia, a jovem república socialista encontrou forças e possibilidades para recuperar, em prazos relativamente curtos, as perdas entre os intelectuais, formar um grande número de novos quadros da cultura soviética. Além disso, não esqueçamos que a actividade, desenvolvida no estrangeiro por muitos intelectuais permaneceu ligada, pelas suas raízes vitais, pelos seus destinos e orientações artísticas, antes de tudo, à Rússia, à cultura dos seus povos. A cultura da emigração russa, tomada nas suas melhores manifestações progressistas, faz parte da cultura do nosso povo.

Os destinos dos intelectuais que haviam emigrado foram diferentes. Uns compreenderam, mais cedo ou mais tarde, que a sua decisão fora profundamente errada e regressaram à Pátria. É o caso

dos literatos A. Tolstoi, A. Kuprine, M. Tsvetáieva, do general Ignátiev, do pintor I. Bilíbine e de muitos outros. É sabido que, entre 1921 e 1931, à Rússia soviética voltaram mais de 180 mil emigrantes. Outros, de tipo de D. Merejkóvski ou Z. Guíppius, permaneceram até ao fim inimigos figadais da sua pátria. A cisão da emigração branca tornou-se maior nos anos da Segunda Guerra Mundial. A maior parte dos emigrantes incorporou-se na luta contra os hitlerianos, participou activamente no movimento da Resistência. Os feitos de B. Vilde, A. Levítski, I. Troian, E. Kuzmina-Karaváieva, M. Chafrova-Marutaieva, V. Obolénskaia, A. Fleícher, M. Plavatski, F. Marukhine, V. Smirnov e de muitos outros, são motivo de legítimo orgulho para a França, Bulgária, Jugoslávia e Itália. São também orgulho para o povo soviético, o que testemunha a condecoração dos heróis da Resistência pelas ordens da URSS. Outros emigrantes voltaram à Pátria, em comboios das tropas hitlerianas, para instaurarem uma “nova ordem”.

Assim, os anos que se seguiram à revolução foram para os intelectuais da Rússia um período de “grande revisão de valores”. Para muitos deles, este período foi o início do caminho que os viria a levar até à aceitação consciente das ideias do socialismo, à participação activa na construção socialista. Para outros, este período marcou um aprofundamento da ruptura com o povo, a passagem definitiva para o campo dos seus inimigos, para a hoste da emigração branca.

4. A ADESÃO DEFINITIVA DOS INTELECTUAIS ANTIGOS ÀS POSIÇÕES DO SOCIALISMO

A vitória alcançada na Guerra Civil e a entrada do país, numa etapa de reconstrução da economia nacional, abriram amplas oportunidades para que os intelectuais se aproximassem cada vez mais do Poder dos Sovietes. Ao contrário de inúmeras previsões, os bolcheviques não só fizeram frente ao ataque das forças da reacção mundial, como ainda, no decurso da guerra, procederam a liquidação da ruína. A formulação do plano de electrificação da Rússia, um plano grandioso para aquele tempo, a entrada em funcionamento de grandes fábricas, abandonadas durante a guerra, o entusiasmo laboral da classe operária, tudo isto convencia os antigos intelectuais de que os bolcheviques tomaram um rumo firme para a recuperação mais rápida possível da economia e da cultura do país.

O campo de actividades laborais dos intelectuais alargou-se. As tarefas de uma importância tais como o lançamento da produção industrial, a recuperação das forças produtivas na agricultura, a promoção da construção cultural podiam ser cumpridas com êxito, se fossem largamente aplicados os progressos da ciência e técnica, bem como a experiência e os conhecimentos dos intelectuais.

Os intelectuais compreendiam que o tempo mudara, que chegara a época duma vida criativa real e alheia pela sua natureza aos projectos

abstractos, que só nas condições do Estado socialista se abriam, perante os representantes da ciência, técnica e da cultura, largas oportunidades para a exploração efectiva dos seus talentos e conhecimentos no trabalho criador. De ano para ano foi crescendo o número de especialistas que ajudavam sinceramente os operários e camponeses a superar enormes dificuldades na reconstrução da economia arruinada, no desenvolvimento da cultura. Trabalharam leal e conscienciosamente nas empresas industriais, nas instituições científicas, nas escolas, nos hospitais e no aparelho do Estado.

Já em meados da década de 20, os intelectuais chegaram a cooperar com a classe operária e o campesinato em condições de paz e da construção da vida nova. Eles aderiram quase na íntegra às actividades económicas e culturais do país, trabalharam proveitosa e útilmente para bem do Estado da ditadura do proletariado. Mesmo assim, o problema da intelectualidade continuava ainda longe de ser resolvido. Não basta apenas atrair um intelectual a um trabalho concreto, ganhar na sua pessoa um colaborador activo. Impunha-se refazer a sua psicologia, mudar a sua concepção do mundo, reeducá-lo no espírito da ideologia marxista-leninista. Esta tarefa era muito mais difícil e complexa do que a atracção da intelectualidade à cooperação profissional.

O processo de assimilação da nova ideologia pelos intelectuais era complexo, relativamente lento e contraditório. Não podia ser de outra maneira, pois era demasiado grande o fardo do passado que

pesava sobre os intelectuais para que estes se pudessem libertar dele muito rapidamente. Pelas suas concepções ideológicas, costumes e tradições, parte substancial da intelectualidade, sobretudo da camada superior, permanecia solidamente ligada ao passado. As dificuldades da vida quotidiana cansavam e irritavam, faziam desconfiar das novas autoridades. No seio dos intelectuais, influíam os restos dos partidos anti-soviéticos desintegrados, alimentando o clima de instabilidade política. Muitos intelectuais, se bem que se tivessem incorporado nas actividades económicas e culturais do país, continuavam a ser “emigrantes internos” que não deixavam de esperar pela restauração do capitalismo.

V.I. Lênine julgava errado reear o carácter reaccionário destes ou daqueles elementos, inevitável na primeira etapa da revolução socialista, porque era impossível esperar e exigir que, logo depois da tomada do poder pelo proletariado, todas as classes e todos os estratos da sociedade aceitassem a concepção do mundo socialista. Ensinava que era necessário tentar reeducá-los no espírito socialista e não lhes voltar as costas.

O processo de remodelação da psicologia da intelectualidade estava longe de ser fácil e sereno. O seu curso, os ziguezagues e reviravoltas eram motivados pelas particularidades da situação interna e internacional da República soviética, pela política da classe operária e do seu Partido, em relação aos intelectuais, e, em última análise, pelos êxitos da construção socialista.

O reconhecimento de que as actividades do Partido Comunista e do Poder dos Sovietes são orientadas para o bem do povo, foi para a grande parte dos intelectuais a primeira etapa no seu caminho à participação activa na construção da nova vida. E quando A.I. Iújine, “doyen” do teatro Máli, actor destacado e homem de convicções moderadas, dizia aos bolcheviques: “Eu sei que vocês travam a luta difícil em que por vezes se elanguescem, mas creio que querem o grande bem, creio que têm grandes forças e possibilidades”¹, as suas palavras (havia muita gente que pensava da mesma maneira) eram a evidência do trabalho correcto e bem sucedido dos comunistas no seio da intelectualidade. Por enquanto, era impossível esperar alguma coisa mais de pessoas semelhantes.

Eles chegaram à compreensão do poder popular através das dúvidas e vacilações. O Partido e o Estado não precisavam dos carreiristas, hipócritas e vira-casacas políticos. Estes foram não só as coisas inúteis sociais, mas também um elemento especialmente perigoso, pois influíram sobre as massas de maneira demoralizadora. O Poder dos Sovietes preferia manter negócios com um intelectual que não camuflava as suas discordâncias com ele, mas tentava, honesta e sinceramente compreendê-lo. A.V. Lunatchárski escreveu sobre uma pessoa semelhante, crítico teatral, A.R. Kugel:

¹ *Arquivo Central Estatal da Literatura e Artes.* f. 2328, inv. I, dos. 1323, f. 152.

“Muita coisa provocava grandes dúvidas nele, e um individualista forte vivia dentro dele e nunca podia morrer até à sua morte física. Mas ele queria trabalhar muito na nova construção. Considerava-se completa e honestamente capaz para isso”¹. Foi a única via de muitos intelectuais para a compreensão do seu lugar na sociedade nova.

As actividades profundamente patrióticas do Partido Comunista e do Estado soviético foram o factor importante que ajudou a intelectualidade a compreender melhor um novo regime social e a aproximar-se dele. A sua política interna e externa foi orientada para a conservação e fortalecimento da unidade dos povos que faziam parte da URSS, para o fortalecimento do poderio defensivo do país, da sua independência, para a elevação do prestígio internacional do Estado soviético. Este aspecto de actividades do Partido e do Estado soviético não podia deixar de inspirar respeito à certa parte da intelectualidade. Certamente, que à sua própria maneira, compreendeu a ideia do patriotismo. Em primeiro plano pôs a “Grande Rússia”, mas os comunistas puseram a “Grande União Soviética”. Mas se os comunistas estão com o seu país e por ele, então eles, os intelectuais, colaboram com os comunistas, pois o destino histórico da Pátria, desde agora, está entrelaçado, indissolivelmente, com o Partido Comunista.

¹ A.V. Lunatchárski. *Recordações e Impressões.* M., 1968, p. 313.

Neste sentido é característica a posição da intelectualidade no período de agravação das relações entre o País dos Sovietes e a Inglaterra em 1923. A.V. Lunatchárski testemunhava: “Quando lord Curson nos lançou um desafio perigoso, vocês bem sabem como a Rússia respondeu. Em Moscovo tiveram lugar enormes manifestações nunca vistas. Nelas participaram activamente os estudantes de escolas e dos institutos superiores, médicos e até os sacerdotes que disseram: “Se o país tiver de travar a guerra, nós abençoamos a Rússia Soviética para esta guerra”¹.

Seria insensato desprezar estes sentimentos patrióticos da intelectualidade. Era necessário dirigi-los a favor do Estado soviético.

Muitos factos concretos mostraram aos intelectuais, que os comunistas não iriam vender, como o tinha feito a camarilha czarista, os interesses da Rússia e tolerar a intervenção dos outros Estados nos seus assuntos internos. A defesa dos interesses estatais e do povo pelos comunistas e Poder Soviético, dava aos intelectuais a possibilidade de compreenderem melhor a essência do socialismo como um regime social, em que a Rússia vai tornar-se um grande país único. Esta compreensão não podia deixar de contribuir para a aproximação da intelectualidade da ideologia nova, que pressupõe a unidade inseparável dos princípios do patriotismo e internacionalismo.

¹ *Revista Pedagógica da Sibéria*, 1923, № 2, p. 14.

Mais adiante, um outro factor importante, que induzia a intelectualidade, especialmente a intelectualidade científica, a rever a sua concepção do mundo, foram os dados objectivos da ciência que não davam lugar para o idealismo e misticismo. Elaboravam instintivamente a concepção materialista das leis da natureza e do desenvolvimento social, pretendendo ser investigadores honestos que fazem conclusões honestas. Ao mesmo tempo, necessitavam do apoio para se poderem tornar os materialistas realmente consequentes do tipo marxista. Eis porque era necessário um trabalho variado firme e persistente dos comunistas, das instituições ideológicas do partido, dos meios sociais soviéticos para separarem ainda mais os intelectuais da burguesia e da sua ideologia, para introduzirem no seio da intelectualidade, na sua vida e trabalho, o espírito do marxismo, os ideais e os princípios da concepção socialista do mundo. Isto foi uma das principais direcções nas actividades ideológicas do partido e do Estado. Orientavam-se para isto pelo reconhecimento da heterogeneidade dos intelectuais, e consequentemente, pela multiplicidade dos caminhos de transição de certos grupos da intelectualidade para o socialismo, sob a condição de que estarem plenamente apoiados. Na resolução da XII Conferência do PCR(b) que se realizou em Agosto de 1922, está estipulado: “É preciso um apoio sistemático e uma colaboração prática para com os elementos sem partido que representam os círculos da ciência, técnica, os professores, os escritores, os poetas, etc, que perce-

beram, ainda que em traços gerais, o sentido da grande revolução realizada”¹.

Prestando importância exclusiva ao papel dos intelectuais na construção da nova sociedade, os comunistas aspiravam aumentar a influência da ideologia marxista sobre a intelectualidade. Com este fim foram usados variados métodos e canais de influência ideológica. Neste sentido o Partido Comunista recebeu uma grande ajuda da imprensa soviética. As concepções dos ideólogos burgueses sobre a intelectualidade como uma força neutral que se afasta da luta do povo pelo seu futuro melhor, receberam uma refutação enérgica na imprensa, pelos publicistas do Partido. Pelo contrário, os intelectuais têm de participar plena e activamente na edificação da nova Rússia.

Apenas neste rumo, somente em plena fusão com o povo trabalhador está o seu renascimento espiritual. Mas para isso, uma parte da intelectualidade, ainda vacilante e duvidosa, tinha de definir clara e resolutamente a sua plataforma ideológica, abandonar as concepções anarco-individualistas e rejeitar o entendimento do papel dos intelectuais como do “sal da terra” chamado a guiar a sociedade.

Ao mesmo tempo a imprensa soviética, criticando severamente as tendências da extrema esquerda e niilistas que encaravam os intelectuais como elemento sem efeito e até nocivo, sublinhava o grande valor dos intelectuais para a edificação

¹ PCUS nas Resoluções e Decisões, v. 2, p. 394.

da vida que se baseie nos princípios novos. “Precisamos dela (da intelectualidade), escrevia A.V. Lunatchárski, precisamos dela no domínio da técnica, agricultura, instrução, precisamos dela, e muito, no domínio da arte”... E o Estado soviético necessitava tanto dos quadros da mais alta especialização que “nem as nossas reservas de ouro, ou qualquer outra riqueza nacional tem valor igual”¹

No trabalho com os intelectuais, coube um papel importante a várias instituições, entre as quais, a Academia Socialista, o Instituto do Professorado Vermelho, a “Casa da Imprensa”, a “Casa dos Cientistas”, a “Casa do Professor”, clubes técnicos e científicos etc. Além das amplas actividades culturais e educativas, essas instituições realizavam um activo trabalho ideológico no seio dos intelectuais.

Uma das formas mais interessantes do trabalho com os intelectuais era a organização de prelecções, palestras e discussões sobre os problemas importantes da actualidade. As mais acesas discussões ideológicas incidiam sobre a posição e o papel sociais da intelectualidade nas novas condições históricas. Uma forma muito útil de instrução política dos intelectuais, sobretudo dos seus estratos inferiores, eram os círculos e cursos de conhecimentos políticos, organizados pelos organismos do Partido. O estudo, nesses cursos, ajudava

¹ Trabalhador da instrução, 1921, № 7, p. 10.

as pessoas a compreenderem a essência do novo regime social, os problemas importantes da política e a iniciarem-se na teoria revolucionária.

Um método de esclarecimento político de massas da intelectualidade eram cursos de reciclagem de professores, de médicos e de outros especialistas. Estes cursos davam aos ouvintes uma imensa ajuda no alargamento da sua visão política. “Os cursos deram um forte impulso à formação da concepção do mundo marxista, suscitaram interesse pelas questões sócio-políticas e levaram a ver com outros olhos muitos aspectos da vida” — confessava um ouvinte dos cursos de reciclagem de professores, organizados na cidade de Pskov. Os cursos abrangiam um grande contingente de especialistas. Entre os anos 1922 e 1928, formaram-se nestes cursos cerca de 100 mil professores.

Na educação social da intelectualidade, um papel importante coube aos sindicatos, sobretudo os sindicatos da esfera não produtiva, que incorporavam representantes do trabalho intelectual. Existiam uniões de trabalhadores da instrução, de médicos, de artistas, secções de engenheiros, técnicos, cientistas. Em 1924, mais de 90 por cento de intelectuais eram membros dos sindicatos. Os sindicatos levaram a cabo um grande trabalho educativo com os intelectuais, lutando pela elevação da sua actividade na construção socialista.

Dispensou-se grande atenção ao estabelecimento de relações de camaradagem entre a intelectualidade técnica e os operários, directamente nas empresas industriais. Tratava-se de quebrar e remo-

delar a psicologia, tanto do operário como do intelectual, isto é, de representantes das camadas sociais até há pouco separadas. Era impossível levar a bom termo este trabalho, só através de medidas administrativas. Impunha-se realizar um complexo trabalho político e educativo multifacetado, tanto no seio de operários como entre os especialistas.

Cumprindo as indicações dos órgãos superiores do Partido, as células comunistas, as organizações sindicais e os sovietes procederam a um grande trabalho de esclarecimento no seio dos operários. Nas reuniões gerais dos colectivos de produção liam-se relatórios sobre o papel desempenhado pelos engenheiros e técnicos na construção socialista, promoviam-se saraus de amizade entre especialistas e operários, clubes conjuntos etc. Em 1925, o CC do PCR(b) adoptou a resolução *Sobre o Trabalho de Especialistas* que insistia na necessidade de melhorar as condições de vida dos engenheiros e técnicos, reforçar o seu prestígio. O CC insistiu, com especial relevo, em que fossem tidos em conta, na avaliação das perspectivas da utilização de especialistas, os anos de serviço, os seus méritos numa determinada especialidade. O Partido exigia evitar, de qualquer forma, manifestações de hostilidade ou alheamento para com os especialistas, baseando-se na sua origem de classe. Semelhantes decisões eram tomadas pelas estruturas do Partido e sindicais locais.

O processo de remodelação da concepção do mundo da intelectualidade artística era particular-

mente difícil e complexo. Para os escritores, actores, pintores era difícil, antes de tudo, mudar a temática e a orientação ideológica da sua obra, o que pressupunha, por sua vez, a transformação de toda a visão do mundo. O êxito de semelhantes metamorfoses estava longe de ser facilmente acessível, surgindo neste processo dificuldades sérias. Para além disso, importavam aí os métodos amadurecidos de criação, o conjunto de meios artísticos, o estilo do artista. Acontecia, não raro, que os meios artísticos com que um artista descrevia a realidade pré-revolucionária, se tornavam completamente inutilizáveis para pintar, veridicamente e a um elevado nível artístico, a revolução e os seus obreiros. Debatiam-se não só os objectivos e as missões reservados à literatura e à arte pela nova sociedade, como ainda os meios de expressão a utilizar pelo artista. Portanto, aos confrontos de ordem sociopolítica e ideológica, juntavam-se antagonismos de ordem estética.

Assim, foi preciso certo tempo e um conjunto de acções ideológicas para que a concepção do mundo do artista se alterasse não só na esfera intelectual, teórica, mas ainda no domínio emocional e sensorial, no sistema de visão artística do mundo. É por isso que era impossível exigir e esperar uma súbita adesão dos artistas ao campo revolucionário. E quando estes não dissimulavam a sua face política, não eram vira-casacas, mas sim, declaravam aberta e lealmente a sua filosofia política, e estética, isso, nem mais nem menos permitia a tais pessoas ver, com profunda compreensão

e simpatia, tudo o que de bom e humano fazia para o povo o poder, ainda alheio a eles.

O Partido Comunista propunha-se como objetivo principal, no campo da literatura e das artes a encorajar, por um lado, o desenvolvimento da cultura socialista e a ajudar, por outro, os artistas que se aproximavam, mais ou menos, do novo regime, a superar a influência da ideologia burguesa, incorporando-se na participação activa na construção do socialismo.

A que formas de influência sobre artistas se devia dar preferência? Eram diversas. Contudo, o princípio essencial por que se guiavam os comunistas no trabalho com artistas dissidentes, embora não hostis ao novo regime, residia na utilização de métodos de convicção ideológica, de educação, na observância das normas de democracia e, finalmente, numa exposição inteligente e delicada das vantagens da ideologia socialista em relação à ideologia burguesa. O Partido Comunista havia acumulado uma rica experiência de luta política contra a burguesia. Contudo, uma transferência mecânica dessa experiência para o domínio da literatura e das artes não daria resultados positivos, pois a luta de classe travada no campo da literatura e das artes manifesta-se sob formas mais complexas, mais ocultas do que na política. Nesta luta, o êxito não pode ser alcançado através de meios económicos, políticos ou militares. Os comunistas têm sempre considerado, e continuam a considerar, que as tentativas de criar uma nova cultura e as artes, por meio dum “ataque da Guarda Vermelha”,

de decretação de cima, da sua predeterminação especulativa bem como as manifestações de voluntarismo são francamente erradas e susceptíveis de causarem prejuízos enormes à educação cultural e artística das massas populares.

Dentro desta lógica, o método de convicção e de reeducação ideológica representou um método principal do trabalho do Partido Comunista e do Estado soviético no seio de artistas. Não há outro meio para libertar um artista do peso da velha ideologia e levá-lo a criar valores espirituais e estéticos úteis para o povo. “Escusado será dizer —escrevia A.V. Lunatchárski, Comissário do Povo para a Educação—que o Estado não tem intenção de impor as ideias revolucionárias e os seus gostos aos artistas. Tal obrigação forçada só pode resultar em falsificações da arte revolucionária já que a primeira qualidade duma arte autêntica é a sinceridade do artista. Por outro lado, além de formas forçadas existem outras: a convicção, incentivos, uma educação adequada de novos artistas”¹. Com efeito, estas medidas foram utilizadas com grande êxito no trabalho multifacetado dos comunistas, orientado para a reeducação ideológica da intelectualidade artística.

Foram diferentes os caminhos que conduziram os artistas à concepção progressista da actualidade. Houve ali tentativas premeditadas para opor ao marxismo-leninismo ideias e teorias estéticas que

lhe são alheias, houve ainda erros de pessoas honestas, desejosas de compreenderem e assimilarem os princípios duma concepção do mundo ainda nova para elas. Mas por mais forte que fosse a oposição às ideias do marxismo-leninismo, feita em determinado período por alguns, e por mais que hesitassem ou se desnortearassem os outros, estas ideias ganhavam a sua consciência, penetrando no processo de criação artística, porque estava por detrás delas a verdade da época, a verdade duma arte autêntica. Cada artista que “assimilava” o marxismo-leninismo, não o fazia por uma imposição, mas porque descobria a força e o carácter benéfico desta doutrina, guiando-se aí por uma necessidade intelectual interior, pela sua experiência de vida e artística.

Como um problema complexo da vida social daquela época, surgiu a questão da criação artística. Em que medida pode o Estado controlar a actividade e a orientação ideológica da criação artística? Quais podem e devem ser as relações entre um artista e o Estado, a classe governante, a sociedade? Estes problemas eram importantes, em igual medida, tanto para a intelectualidade artística como para a classe operária e o seu partido.

Naquela altura, a ideia de K. Kautsky, ideólogo alemão da social-democracia, preconizava a não-ingerência do proletariado na esfera da arte. No livro *O Dia Seguinte à Revolução Social*, ele escrevia que a tomada do poder pelo proletariado estabeleceria uma ordem admirável na produção

¹ A.V. Lunatchárski. *A Arte e a Revolução*, 1924, p. 33.

e uma anarquia completa na vida intelectual e na esfera da arte. A inconsistência desta afirmação está à vista. Numa sociedade de classes, a actividade artística está sempre, e em toda a parte, ligada à política. A questão é a que partido e a que classe está ligada. Quanto á anarquia na arte, é mais uma manifestação duma determinada política, longe de servir a classe operária.

No seu trabalho ideológico no campo da literatura e das artes, os comunistas guiavam-se pela tese de Lénine sobre a necessidade de exercer a influência sobre a criação artística, sobre o direito do Partido de dirigir o desenvolvimento das actividades artísticas. A Revolução deu aos artistas a plena liberdade de criação. Contudo, os comunistas não podem ficar de braços cruzados, abandonando a criação artística a uma evolução caótica. Ao contrário, devem dirigir, de modo planificado, este processo e influenciar os seus resultados, de modo a que a literatura e a arte sirvam ideologicamente milhões de trabalhadores e contem com eles na sua criação.

A direcção do desenvolvimento da literatura e das artes por parte do Partido, tinha por fim encorajar a evolução positiva da criação artística no interesse das massas populares, por um lado, e o combate às influências burguesas na literatura e na arte, às tentativas da burguesia de valer-se destas formas de arte na luta pelo poder, por outro.

Uma das orientações principais da actividade ideológica do Partido era a superação do apoliticismo

no seio de intelectuais, particularmente, na intelectualidade artística. Naquela altura, o apoliticismo da intelectualidade era um fenómeno polivalente no sentido político. Muitas pessoas não se proclamavam apolíticas e apartidárias por terem ideias anti-soviéticas, mas sim, devido ao facto de se sentirem desiludidas com os velhos ideais e ilusões burgueses. Tendo repudiado o velho, não tiveram tempo para compreenderem e assimilarem tudo o que de novo e de benéfico lhes trazia a revolução socialista. Esse apoliticismo representava uma etapa na sua passagem para a nova concepção do mundo.

É, por exemplo, o caso do grupo literário “Os Irmãos de Serápis”. Como justificação do apoliticismo, declaravam terem repugnância pelos ideais burgueses. As suas afirmações, e sobretudo, as suas obras mostravam que estavam a caminho da superação da ideologia burguesa, ainda que muito longe de aceitarem a nova concepção do mundo. Seja como for, este processo ia evoluindo. “Alguns de nós—evocava o escritor K. Fédine—assumiram, passado pouco tempo e com bastante nitidez, tarefas literárias como tarefas sociais”.¹ Podia-se dizer o mesmo em relação a outros grupos literários.

Contudo, existia um outro apoliticismo. Este exigia a emancipação da literatura e da arte da influência comunista. Um “vácuo”, surgido deste modo, não tardou a ser utilizado para acentuar a

¹ *Literatúrnaia Gazeta*, 10 de Abril de 1936.

influência da ideologia burguesa. Esse era um apoliticismo activo, arrojado, atacante. Foi precisamente este tipo de apoliticismo que se tornou alvo da luta consequente dos comunistas. Neste sentido, um papel importante coube à crítica marxista e às publicações de temas sociais e políticos, que desmascaravam os verdadeiros objectivos do apoliticismo belicoso, indicavam o caminho da sua superação. Definir-se ideologicamente, era esta a tónica de numerosos artigos e intervenções dos ideólogos marxistas.

Seja como for, passado pouco tempo, os artistas superaram o apoliticismo em todas as suas manifestações. Este êxito foi possível devido ao facto de os comunistas terem tomado, face à intelectualidade artística, uma atitude diferenciada, não medindo tudo pela mesma medida. Graças à aplicação de uma política consequente e flexível, em relação a elementos leais ou ideologicamente passivos e a uma perseverante luta de princípio contra os opositores ideológicos convictos, a intelectualidade artística acabou por superar o apoliticismo.

A luta dos comunistas pela conquista ideológica da intelectualidade artística esbarrava com a séria oposição das diversas correntes modernistas “esquerdistas”, principalmente do formalismo e das suas múltiplas versões: o futurismo, o imaginismo, o suprematismo etc. Proclamando uma revolução total em matéria de forma, os “esquerdistas” ignoravam completamente o conteúdo ideológico da arte. Nesta ordem de ideias, as extravagâncias formalistas dos “esquerdistas” traduziam, em última

análise, a ideia burguesa que preconiza a “arte pela arte” e a arte para os eleitos.

Certamente que tudo isto não significa que o “esquerdismo” da arte equivalia necessariamente ao carácter burguês dos seus adeptos. Pelo contrário, havia “esquerdistas” e pessoas de esquerda. Por exemplo, o famoso poeta soviético, V.V. Maiakóvski lutava por uma literatura verdadeiramente comunista, plena de elevados ideais, criticava o formalismo. “De todo o esquerdismo, — dizia ele — escolhemos a sua parte revolucionária, a parte que contribui eficazmente para a construção socialista...”¹. A obra dos “esquerdistas”, como do eminente encenador V.E. Meyerhold, encerrava muitos componentes úteis, inovadores, elementos que enriqueciam a arte soviética. Contudo, uma hipertrofia do “esquerdismo” na arte resultava inevitavelmente na acentuação das tendências estéticas burguesas, e na activação das ideias de individualismo burguês e de anarquismo.

Não é de estranhar que o perigo do afastamento da arte do povo e dos princípios do realismo preocupou a opinião pública soviética. As discussões sobre o “método formal”, efectuadas em 1924, desempenharam um papel de destaque na definição da origem ideológica do formalismo e na superação da sua influência. Todas as tentativas dos partidários do formalismo para provar que chegou o fim do realismo e que a no-

¹ V. Katanian. *Maiakóvski. Crónica Literária*. M., 1961, p. 387.

va realidade rejeita a arte realista foram mal sucedidas.

Em meados da década de 20, o formalismo, como orientação estética, começou a degenerar rapidamente. Abandonavam-no os adeptos mais fervorosos e mesmo certos dirigentes que viriam a enriquecer imensamente a cultura soviética.

Este era mais um testemunho da flexibilidade da política dos comunistas no campo da cultura. Eles propunham-se não só a desvirtuar as teorias anti-marxistas, mas ainda a arrancar à ilusão os artistas, sinceramente desejosos de servirem o povo e a causa da revolução. Utilizando tendências positivas da concepção e da obra dos artistas, lutando pela afirmação e o desenvolvimento destas tendências, superando com paciência e tacto as ideias, os preconceitos e as ilusões burguesas, os comunistas foram ganhando a intelectualidade criativa para a causa do socialismo.

Este trabalho delicado não tolerava estereótipos, administração burocrática ou admoestações. Em muitos dos seus documentos, o Partido Comunista insistia na necessidade de tomar, no trabalho com os intelectuais, sobretudo os artistas, uma atitude diferenciada. Um exemplo da flexibilidade e do carácter ideologicamente marcado da política do Partido foi a luta dos comunistas para ganhar os ditos "companheiros de jornada". Este termo aplicava-se aos literatos e artistas que, embora se tivessem posto do lado da revolução, tinham uma visão vaga quanto aos seus objectivos e as suas missões o que resultava na volubilidade e vacila-

ções ideológicas. Ao definir a sua atitude para com eles, o Partido esperava que, no processo da construção socialista, estas pessoas superariam a influência ideológica inimiga.

A política do Partido Comunista no campo da literatura e da arte ganhou a sua maior expressão na resolução do CC do PCR(b) *A Política do Partido no Domínio da Literatura de Ficção* adoptada em 18 de Junho de 1925. O Comité Central do Partido como tarefa principal a cumprir pela literatura naquele período proclamou a formação da unidade ideológica das suas principais forças criativas com base na ideologia proletária. A resolução apontava como apoio do Partido, os escritores proletários. Quanto aos "companheiros de jornada", o CC do Partido advertiu contra as tentativas de os incluir, em bloco, no campo da contra-revolução. "A orientação geral deste trabalho deve ser o tacto e uma atitude cuidadosa para com eles, isto é, uma atitude que proporcione todas as condições para a sua integração mais rápida possível na ideologia comunista"¹.

A resolução do CC do PCR(b) mostrou a política do Partido orientada para a criação dum clima de emulação criativa de todos os escritores dispostos a reconhecerem a realidade soviética. Esta política desempenhou um papel exclusivamente importante na coesão ideológica de escritores soviéticos, na eliminação de certas manifestações

¹ *Sobre os Órgãos da Imprensa Estatal e Partidária*. M., 1954, p. 345.

aberrativas do movimento literário, definiu o carácter do progresso da literatura, o caminho que deviam seguir os escritores, fossem quais fossem os grupos literários que eles integrassem. Este diploma do Partido exerceu uma grande influência não só na literatura, mas ainda no teatro, pintura, escultura, cinema.

A luta consequente e de princípios, conduzida pelos comunistas contra as influências e tendências burguesas, a atenção prestada ao desenvolvimento e a pureza ideológica da cultura soviética estão na origem dos primeiros grandes êxitos da literatura. Já em meados da década de 20, a literatura soviética foi enriquecida com uma série de obras notáveis que descreviam, no espírito comunista e popular, o novo homem e a construção da nova sociedade. Trata-se das obras “Tchapáiev” de D. Fúrmanov, “A Derrocada” de A. Fadéiev, “A Torrente de Ferro” de A. Serafimóvitch e outras. Ao mesmo tempo, este era um período de alargamento drástico das fileiras de escritores. Basta dizer que, entre 1920 e 1926, mais de 150 escritores publicaram as suas primeiras obras que viriam a constituir o escol e a glória da cultura soviética. Semelhantes processos se desenvolviam na arte.

Portanto, a situação da intelectualidade e as suas concepções sofreram, na primeira década de existência do Poder dos Sovietes, profundas transformações. A maior parte da velha intelectualidade transformou-se de força hostil ao socialismo que era, em força disposta a colaborar com o Poder dos Sovietes. Objectivamente, a intelectualidade prestou

à classe operária uma ajuda substancial na organização da gestão da economia, na recuperação da economia arruinada e no fomento da cultura. Certamente que isto não significa que os intelectuais tenham aderido definitivamente ao socialismo, continuando este processo. “O empregado soviético (o professor, o médico, o engenheiro, o agrónomo etc.) torna-se, segundo as suas aspirações e tendências, soviético no essencial”.¹ — proclamava uma decisão do XIV Congresso do Partido realizado, nos finais de 1925.

Foram a industrialização socialista do país e a colectivização da agricultura que influíram na modificação da concepção do mundo dos intelectuais. Era um período de quebra na consciência dos intelectuais de muitas ideias retrógradas, de revisão geral dos valores, de adesão definitiva da intelectualidade ao socialismo.

A maioria dos intelectuais aplaudiu a política de industrialização. Seria impossível alcançar o triunfo definitivo do socialismo sobre a velha base técnica e económica. Impunha-se criar no país e em todos os sectores da economia uma grande produção mecanizada, e, antes de tudo, a indústria pesada. As estruturas científicas, sindicais e de engenharia declararam-se dispostas a auxiliar a classe operária nesta grande causa. A maioria esmagadora de especialistas entregou-se inteiramente ao trabalho de concretização dos grandiosos planos de industrialização. A velha intelectualidade promoveu os seus

¹ *Decretos e Resoluções do PCUS...*, t. 3, p. 277.

heróis do trabalho, na frente da construção socialista, pessoas leais à causa por que lutam e que gozam de sincera confiança da classe operária e dos comunistas. Os especialistas da agricultura receberam com total aprovação o programa de reestruturação deste ramo da economia numa base colectiva.

Entretanto, nem todos os representantes da velha intelectualidade ingressaram no caminho certo. Uma parte deles preferiu a via de sabotagem e torpedeamento do poderio económico da URSS. Nos fins dos anos 20, foram desmascaradas várias organizações contra-revolucionárias formadas, no essencial, por representantes da grande intelectualidade burguesa. Dentro do país, não contavam com uma séria força política e, por conseguinte contavam muito com a intervenção estrangeira.

A actividade subversiva duma parte dos especialistas não significou, evidentemente, que toda a intelectualidade técnica fosse contra-revolucionária. "... Não se poderia dizer isto, de modo algum, da grande maioria dos nossos engenheiros que colaboram honestamente connosco",¹ — escreveu G.K. Ordjonikidze, dirigente da indústria soviética. O desmascaramento dos planos intervencionistas dos conspiradores fez com que amplas camadas da intelectualidade trabalhadora se afastassem deles e, ao mesmo tempo compreendessem que não tinham outro caminho a seguir, que não fosse seguir o povo e não tinham outro objectivo que não fosse a construção do socialismo.

¹ G.K. Ordjonikidze. *Discursos e artigos*. t. 2, M., 1957, p. 233.

A actividade subversiva dos conspiradores criou sérias dificuldades numa série de sectores da edificação do socialismo. Não obstante, levando em consideração o arrependimento dos criminosos, o tribunal soviético considerou possível não punir severamente a maioria esmagadora dos réus, enquanto o Governo soviético lhes concedeu a possibilidade de redimir com trabalho honesto a sua culpa perante o povo. Estas pessoas aproveitaram a possibilidade oferecida. Muitos destes intelectuais não só romperam com o seu passado criminoso e o condenaram, como, num curto prazo de tempo, deram uma contribuição de peso para o desenvolvimento da indústria, facto por que mereceram altas condecorações do governo. Vejamos a sorte do professor catedrático L.K. Ramzine: sendo um dos principais organizadores da conspiração, foi condenado, mas durante o julgamento pediu que lhe dessem a oportunidade de redimir a sua culpa. O Poder Soviético acreditou em Ramzine e não se enganou. Cientista de talento e grande especialista no sector da termotécnica, fez muito para o fortalecimento do poderio industrial do país. Pela projecção e construção duma grande caldeira sem par, L.K. Ramzine mereceu o Prémio Estatal de primeira grandeza. Poder-se-ia dizer o mesmo sobre uma série de outros grandes cientistas e engenheiros.

Os círculos anti-soviéticos no estrangeiro conseguiram iludir uma parte da intelectualidade dos países ocidentais, por forma que alguns destacados homens da ciência, literatura e arte dirigiam protestos ao Governo soviético contra as medidas

tomadas em relação aos conspiradores. Assim aconteceu, por exemplo, com o famoso físico A. Einstein. Em 1930, enviou também um veemente protesto contra a condenação dum grupo de sabotadores que organizaram sérias dificuldades no abastecimento de víveres numa série de pontos do país. Mas, decorreu algum tempo e Einstein analisou objectivamente a questão e compreendeu a sua essência. Em Setembro de 1931, o professor alemão G. Münintz, por encargo de A. Einstein, publicou nos jornais soviéticos uma nota de esclarecimento das causas que levaram Einstein a subscrever o protesto. A nota dizia: "Assinei o protesto após um longo período de vacilação, confiando na competência e honestidade das pessoas que solicitaram esta minha assinatura e, além disso, considerava psicologicamente impossível que as pessoas, que assumiam toda a responsabilidade pelo trabalho de cumprimento de importantíssimas tarefas técnicas, pudessem sabotar premeditadamente o objectivo que deviam servir. Hoje, estou profundamente arrependido de ter assinado o protesto porque perdi a convicção de que os meus pontos de vista de então eram certos"¹.

Estes acontecimentos mostraram que não pode haver lugar para a atitude apolítica e neutral que existia antes. Os comunistas e toda a opinião pública soviética procederam à decidida luta pela superação do neutralismo, por que cada intelectual se tornasse de facto um aliado activo e politicamen-

¹ *Izvéstia*, 17 de Setembro de 1931.

te consciente dos operários e camponeses na construção do socialismo. Nas empresas industriais, estabelecimentos de ensino e instituições científicas eram organizados comícios de massas, reuniões e disputas ou discussões da intelectualidade em que as posições apolíticas e de neutralismo eram condenadas moralmente.

Um importante papel na reestruturação da psicologia da intelectualidade coube à Associação dos Servidores da Ciência e da Técnica da Rússia para o favorecimento da edificação socialista, fundada em 1927. Baseada no princípio de estricte voluntariedade dos seus membros, a associação sustentou uma enérgica luta contra os elementos reaccionários e captou grandes massas da intelectualidade para a edificação do socialismo.

Tal como antes, muito era feito para combater o carácter apolítico e o neutralismo entre os artistas. Um importante papel nesta tarefa coube às associações profissionais da intelectualidade—à União dos Escritores Soviéticos, União dos Pintores Soviéticos, etc. O I Congresso dos Escritores Soviéticos de toda a União convocado em 1934, foi um grande acontecimento na vida da intelectualidade artística. Nesta altura, na literatura soviética já se tinha formado uma pléiade inteira de escritores de talento, provenientes do seio dos operários e camponeses. Tornava-se cada vez mais nítida também a posição da maioria esmagadora de velhos escritores. O resultado mais importante do congresso foi a demonstração eloquente da evolução ideológica de amplos círculos de escritores soviéticos, a sua negação da

arte apolítica, o reconhecimento do serviço à causa do socialismo e à causa do povo, o objectivo máximo da criação artística. “Em que consiste para mim a vitória do bolchevismo, no congresso dos escritores? – perguntou A. M. Górkí, vindo a responder imediatamente: “Em que os artistas que eram considerados apartidários e “vacilantes”, reconheceram o bolchevismo como a única ideia dirigente e militante na arte”¹.

Os êxitos obtidos pelo povo soviético na construção estatal, económica e cultural exerceram uma influência decisiva sobre os ânimos da velha intelectualidade. A promoção e o cumprimento, bem sucedido, das tarefas técnico-científicas tão complexas e arrojadas como o plano de electrificação do país, a construção do caminho de ferro Turquestão–Sibéria, da Central Hidroeléctrica no Dniepre, do Complexo Metalúrgico de Magnitogorsk, os ritmos acelerados da industrialização, a transferência de pequenas economias camponesas para os trilhos de grande produção agrícola, os grandes êxitos na vida cultural—tudo isto enchia de orgulho os corações de cada trabalhador da ciência, técnica, cultura que ama o seu ofício e atraía-o para a corrente geral da construção socialista. Os destacados engenheiros soviéticos—projectista e construtor de aviões, A. N. Túpolev, o construtor das centrais eléctricas, B. E. Vedenéiev, o engenheiro-chefe do Metropolitano de Moscovo,

¹ O I Congresso dos Escritores Soviéticos de toda a União. M., 1934, p. 675.

P.B. Rotert, o engenheiro chefe do canal Moscovo-Volga, S.I. Juk e outros —escreveram o seguinte: “O que levou os engenheiros a servirem à causa do socialismo? Empolgou-nos a alegria de criar para o bem de toda a Humanidade, entusiasmar-nos as possibilidades realmente ilimitadas e inéditas em toda a história da humanidade de manifestar e desenvolver as forças criadoras, possibilidades de mais diversificada e poderosa criação técnica”¹.

Tudo isto criou condições para as profundas viragens no meio da intelectualidade. Se nos anos 20, entre os intelectuais ainda existiam muitas pessoas hesitantes e vacilantes, o futuro fortalecimento das posições do socialismo conduziu a maioria delas ao apoio decidido à política do Partido Comunista. Vejamos como se referia ao processo de reestruturação de mentalidade dos intelectuais, formada ainda antes do Grande Outubro, o escritor soviético L. Leónov: “A primeira fase caracterizou-se aproximadamente pelo seguinte preceito sócio-psicológico da intelectualidade: “Sim, encontro-me ao serviço da classe operária, mas as minhas velhas tradições e concepções do mundo continuam puras e intocáveis. A segunda fase caracteriza-se precisamente pela revisão radical destas tradições e pelo reconhecimento do Outubro, não só como um facto consumado, mas também um reconhecimento do mesmo do ponto de vista ideológico e filosófico, mediante

¹ Pela industrialização, 26 de Janeiro de 1934.

a passagem definitiva para as posições da classe operária”¹.

O trabalho abnegado de muitos velhos intelectuais foi destacado pelo governo que adjudicou ordens de Lénine, da Bandeira Vermelha do Trabalho e diplomas de mérito a centenas de especialistas entusiastas da edificação socialista. Nomes de muitos engenheiros e técnicos figuraram no “Quadro de Honra” a nível nacional, enquanto muitos deles mereceram o alto título de Herói do Trabalho.

Os esforços dos cientistas e especialistas em engenharia e técnica e todas as suas iniciativas técnicas de valor encontravam um caloroso apoio entre os operários. Os operários expressavam a sua aprovação e apoio à intelectualidade técnica nos comícios, reuniões dos colectivos de trabalho e nas páginas da imprensa. Eis o que declarou, por exemplo, o operário Kotcherguine, intervindo em nome do enorme colectivo de muitos milhares de trabalhadores da empresa “Foice e martelo” de Moscovo, em 1929: “O operário sabe dar valor e o operário sente-se sempre agradecido à ciência e ao pensamento científico... Citarei um exemplo da nossa empresa: aqui, os nossos engenheiros orientadores, há um ano, começaram a fundir o aço com o manganês e a produzir peças fundidas de aço com manganês. Antes, era necessário adquirir este aço no estrangeiro e pagar a ouro. Então os nossos engenheiros tomaram a coragem e a iniciativa de fundir o aço com o manganês na nossa empresa. Quando

¹ *Arte soviética*, 1933, N. 5, p. 36.

a iniciativa foi bem-sucedida e o aço passou a ser produzido em massa, por acaso os operários não se sentiram agradecidos por isso? Em todas as secções, os operários enalteceram e agradeceram aos nossos engenheiros. Penso que os operários de toda a União Soviética se sentirão agradecidos aos engenheiros que compartilham connosco a mesma linguagem e os mesmos pensamentos”¹.

A actividade dos intelectuais artistas ganhou um novo conteúdo. Os êxitos do socialismo, concebidos a partir das posições do partidarismo bolchevista, a realidade quotidiana soviética que deu exemplos de audaciosos feitos heróicos e artísticos, abriram aos escritores, pintores, artistas e compositores amplos horizontes de criação e constituíram um estímulo de grande força para o florescimento dos seus talentos e dotes. O socialismo ofereceu ao artista a alegria de criar para o seu povo, a bem da concretização dos ideais mais nobres da Humanidade. Eis porque muitos grandes homens da cultura, só conseguiram manifestar os seus talentos, em toda a sua plenitude, no Poder Soviético. “Conheci a verdadeira liberdade de criação, a amplidão dos temas, a riqueza de temas inabarcável no espaço da vida dum homem—reconheceu o escritor A. N. Tolstoi—só no presente, quando começo a dominar a concepção marxista da história e quando os grandes ensinamentos da Revolução de Outubro me armam

¹ *Arquivo Central estatal da Revolução de Outubro da URSS*, f. 5548, op. 8, d. 6, f. 19.

de objectivo e metodologia na leitura do livro da vida”¹. O próprio Tolstoi declarou em 1933: “A mim, como artista, a Revolução de Outubro, deu-me tudo... Antes de 1917, não sabia para quem escrevia (a tiragem anual dos meus livros, a propósitos, no melhor dos casos era de 3 mil exemplares). Presentemente, sinto o leitor vivo, de quem necessito, que me enriquece e que necessita de mim. Há 25 anos ingressei na literatura como numa ocupação agradável ou numa espécie de diversão. Agora vejo nitidamente a literatura como uma poderosa arma de luta do proletariado pela cultura mundial e, já que posso, dedico todas as minhas forças a esta luta. A consciência disto que vive em mim é uma poderosa alavanca que propulsiona a minha actividade criadora”².

Estas são as palavras do homem que, a uma dada altura, possuiu o título de conde do Império Russo, que nessa altura se encontrava muito longe das ideias do movimento libertador e que recebeu a revolução com hostilidade. Mas a grande verdade do socialismo tornou-se aquela força invencível que não só fez um escritor equivocado regressar da emigração, mas ainda fez dele um clássico da literatura soviética.

Através da prática da construção vitoriosa do socialismo, a velha intelectualidade superava, por um lado, o apoliticismo e a neutralidade, e, por outro, a concepção burguesa do mundo. A grandiosa con-

¹ A.N. Tolstoi. *Obras completas*, t. 10, M., 1961, p. 202.

² Ibidem, p. 190-191.

strução da nova sociedade, que abarcou todo o país, convencia os intelectuais de que a classe operária e os comunistas ganham para a causa da criação duma nova cultura, a cultura do povo, as massas cada vez mais amplas e alcançam aí êxitos notáveis. Tudo isto permitia à classe operária e ao seu Partido não só separar definitivamente os sectores politicamente instáveis da intelectualidade dos restos da burguesia, como ainda obter uma vitória moral sobre esses elementos.

A década de 30 representou um marco fulcral na história da velha intelectualidade. Neste período, concluiu-se a sua adesão definitiva às posições de socialismo e verificou-se a sua fusão com a jovem geração de intelectuais, formada com o seu apoio. Nestes anos, desaparece do vocabulário corrente a própria palavra “velha intelectualidade”, isto é, a intelectualidade cuja concepção do mundo fora burguesa. Os representantes da ciência, técnica, literatura, cultura, arte transformaram-se em intelectuais soviéticos, dedicados à causa da construção do socialismo, em que participavam activamente e juntamente com a classe operária e o campesinato laboral.

Para muitos intelectuais, o processo de transformação da concepção era muito complexo. O conhecido actor I. M. Moskvine referiu-se, em 1937, a esse respeito nos termos seguintes: “...Recebi a revolução com alegria. Quando começou, porém, a liquidação impiedosa da velha herança, confesso-o, confundi-me um tanto, desorientei-me, porque me fugiu debaixo dos pés o chão em que me

mantivera durante os quarenta e três anos anteriores à revolução. Vi-me como que suspenso. Mais tarde, liberei-me desta situação. Mas no momento da revolução, trazia atrás de mim um rastro de quarenta e tal anos de vida de que me seria difícil desfazer de imediato. Tinha atrás de mim muitos preconceitos, um aparente bem-estar, tradições mortas, uma indiferença face à realidade. Claro que podia apressar-me e pintar-me por fora de vermelho. Contudo, achei que fazer isso seria pouco sério. Comecei a refazer-me por dentro e tornei-me construtor activo da nossa vida heróica”¹. Centenas de milhar de outros intelectuais tiveram de percorrer o mesmo caminho, desde as dúvidas e hesitações até ao reconhecimento absoluto e incondicional do socialismo.

Já no limiar do Poder dos Sovietes, Lénine expressou a firme confiança de que “toda a experiência fará inevitavelmente os intelectuais aderirem definitivamente às nossas fileiras...”² Lénine tinha razão absoluta, ao dizer isso. Finalmente, a maioria esmagadora da velha intelectualidade acabou por aderir ao socialismo. Uns fizeram-no mais cedo, outros mais tarde, mas esta passagem concretizou-se.

O factor principal que condicionou a transformação da psicologia, de toda a concepção da velha

intelectualidade, que determinou a sua adesão maciça à ideologia do Poder dos Sovietes foram os êxitos espectaculares da construção socialista, os ritmos rápidos do desenvolvimento da economia nacional e da cultura. O socialismo demonstrou, de forma relevante, as vantagens incontestáveis perante o capitalismo. Os cientistas, técnicos e artistas viram claramente que só o regime socialista lhes abria vastas oportunidades para aplicarem todos os seus conhecimentos e talentos no trabalho criativo para bem do povo.

Outra condição importante que motivou a passagem da velha intelectualidade para o lado do socialismo, foi a política correcta do Partido Comunista. O Partido aplicou firme e consequentemente a política orientada para ganhar a velha intelectualidade para a causa de todo o povo, recompensando os que trabalhavam honestamente e reeducando as pessoas hesitantes e duvidosas no espírito da ideologia socialista.

O facto de a maioria absoluta da velha intelectualidade ter aderido, mais cedo ou mais tarde, mas sempre irrevogavelmente, ao socialismo constituiu uma brilhante vitória do Partido Comunista e do regime estatal soviético. Foi muito difícil a vitória que a classe operária e os comunistas alcançaram sobre os seus inimigos num combate aberto, na frente da Guerra Civil. Mas não menos difícil foi a tarefa “da conquista dos espíritos” das pessoas alheias à concepção do mundo socialista até ao ponto de serem, não raro, os seus adversários. O êxito do afastamento em

¹ *Mestres da Arte, Deputados do Soviete Supremo da URSS*. M., 1938, pp. 109-110.

² V.I. Lénine. *Obras Completas*, t. 38, p. 225 (em russo).

massa dos intelectuais da burguesia e da sua atracção para a construção socialista, o primeiro na história, reveste-se dum significado histórico-universal.

5. O PODER DOS SOVIETES CRIOU UMA NOVA INTELLECTUALIDADE: A INTELLECTUALIDADE POPULAR

Ao prestar muita atenção à reeducação da velha intelectualidade e à sua atracção para a construção socialista, o Estado soviético não deixava de solucionar um outro problema de importância particular, o da formação de quadros da nova intelectualidade. O problema não só era que parte da velha intelectualidade era indiferente e volúvel (pelo menos, nos primeiros anos do Poder dos Sovietes) no sentido político, mas que também era pouco numerosa. Sabe-se, por exemplo, que, em 1913, havia na Rússia apenas 136 mil pessoas que possuíam instrução superior e 54 mil pessoas com instrução secundária especializada. Entretanto, as tarefas da construção do socialismo requeriam uma quantidade enorme de especialistas para todos os sectores da economia nacional e da cultura.

A revolução socialista criou todas as condições favoráveis para a solução do problema da formação da nova intelectualidade. Abolindo os privilégios das classes exploradoras derrubadas, a revolução abriu as portas das escolas e dos institutos superiores aos filhos dos operários, dos cam-

poneses e da intelectualidade laboral. A revolução acabou para sempre com a situação em que todas as riquezas culturais eram património duma minoria da população.

A formação da nova intelectualidade, intelectualidade popular, era um trabalho tão desconhecido como a construção da sociedade socialista. Para esse efeito, os comunistas voltaram a recorrer ao auxílio da velha intelectualidade já que não tinham outros professores, senão os velhos intelectuais. Só graças à sua ajuda, milhões de filhos de operários e camponeses tornaram-se especialistas da ciência, técnica, cultura. Este facto comprovou uma vez mais a justeza da tese formulada por Lénine: construir a nova sociedade com a ajuda da intelectualidade herdada do regime derubado.

A fonte principal de complementação da intelectualidade com novos quadros eram os estabelecimentos do ensino superior e do ensino secundário especializado. É por isso que uma atenção particular foi dispensada a uma ampliação considerável da rede de universidades, institutos superiores, escolas técnicas. Já nos anos da Guerra Civil, se abriram as universidades nas cidades de Níjni Nóvgorod (actualmente, Górkí), Vorónej, Irkutsk, Tbilíssi, Bacu, Erevão, Tachkent, Minsk, Iekaterinburg (actualmente, Sverdlovsk). O número de escolas técnicas e superiores que formavam professores, engenheiros, médicos, agrónomos aumentou. A própria geografia do ensino superior sofreu modificações substanciais. Um grande número de estabeleci-

mentos de ensino surgiram no Oriente e no Sul do país, além de nas periferias nacionais.

Contudo, era insuficiente abrir novas escolas superiores e técnicas. Impunha-se adoptar um conjunto de medidas com vista a garantir, de facto, o direito dos filhos dos trabalhadores à instrução. À democratização da escola do ensino geral, seguiu-se a democratização completa da escola superior. Eliminaram-se, através de decretos do Governo soviético, todos os obstáculos formais que impediam o ingresso dos filhos dos operários e dos camponeses nos estabelecimentos do ensino superior. V. I. Lénine chamava a atenção dos dirigentes das respectivas instituições para que fossem “tomadas sem demora medidas que assegurem a possibilidade de estudar a todos os que o desejarem, não devendo haver quaisquer privilégios, jurídicos ou práticos, para as classes desaforadas. A prioridade deve ser dada, certamente, aos operários e camponeses pobres, que deverão beneficiar de bolsas de estudo em quantidade crescente”¹.

Entretanto, subsistiu e fez-se sentir, com agudeza, um outro obstáculo: os jovens operários e camponeses não tinham preparação geral suficiente para o estudo numa escola superior. Foi então que surgiu no seio das massas operárias a ideia da organização das ditas faculdades operárias adjuntas a universidades ou institutos, cuja missão seria preparar, em vários anos de estudo, os filhos

dos operários e dos camponeses para o seu ingresso na escola superior. Essas faculdades contribuíram grandemente para a renovação do meio estudantil e para a sua complementação com pessoas oriundas das camadas trabalhadoras da população.

Mesmo pelo aspecto exterior, os estudantes das faculdades operárias diferiam nitidamente do antigo estudante burguês, farto e bem tratado. Eram pessoas de trabalho físico, muitos dos quais haviam combatido durante a revolução e a guerra civil. Abandonando o arado ou a máquina ferramenta, vinham estudar dos pontos mais afastados do país. O seu aspecto espantava, não raro, o professorado antigo. Um professor da Universidade de Kazan descrevia a chegada dos primeiros estudantes da faculdade operária nos termos seguintes: “As alpercatas pisam suavemente as escadas claras da universidade, as botas ferradas com pregos batem sonoramente no chão... De capotes militares cinzentos, blusões de coiro, com pastas ou não, com cabeças cobertas com lenços vermelhos ou xailes de lã, de sobretudos de burel caseiros dos camponeses, eles vinham estudar na faculdade operária”.

No entanto, estas pessoas sentiam uma sede insaciável de conhecimentos. Não se cansavam de estudar 14 ou 15 horas diárias, não tendo medo de privações. Podia-se exigir deles coisas impossíveis. E a juventude alcançou o que pretendia. Nos anos da existência das faculdades operárias (entre 1919 e 1940), 2,3 milhões de jovens, oriundos essencialmente

¹ V.I. Lénine. *Obras Completas*, t. 37, p. 34 (em russo).

de famílias operárias e camponesas, foram preparados para o ingresso nos institutos e nas universidades. As faculdades operárias encaminharam para as escolas superiores as pessoas como o conhecido botânico e seleccionador, N. V. Tsítsine, o académico N. M. Jávoronkov, eminente especialista em matéria de química não orgânica, o académico M. P. Kim, conhecido historiador, os famosos escritores soviéticos A. A. Fadeiev e Mussa Djalil e muitos outros cientistas e artistas destacados.

Qual era o sentido social da democratização da escola superior? Sabe-se que um dos traços característicos da sociedade pré-revolucionária era a hereditariedade do ensino superior. Os estudantes recrutavam-se essencialmente em famílias, cujos chefes, em função da sua profissão ou situação social, recebiam instrução superior (os altos funcionários públicos, a burguesia industrial ou comercial, a aristocracia, as cúpulas da intelectualidade, etc.) A democratização da escola superior, realizada depois da revolução, significava a liquidação absoluta da tradição de hereditariedade da escola superior. À escola superior vieram os filhos dos operários e dos camponeses que, antes da revolução, não tinham praticamente acesso a estes estabelecimentos de ensino.

O princípio de classe da completação da escola superior, a prioridade dada aos operários e camponeses não excluía, certamente, a possibilidade de admissão nos estabelecimentos de ensino de representantes das outras classes e sectores sociais. Nos trabalhos de certos historiadores ocidentais

vêem-se, não raro, afirmações de que as pessoas que não fossem operários ou camponeses se viram quase que impossibilitados a receber instrução superior. Nas décadas de 20 e 30, quando se formava na URSS a nova intelectualidade, muitos jovens operários e camponeses vieram estudar nas escolas superiores e técnicas. Isso é verdade. Mas mesmo assim, não se verificou um só ano em que a parte dos operários e camponeses ultrapassasse dois terços da totalidade dos estudantes. Em 1924, a sua parte atingia 38 por cento, em 1928, 51 por cento, em 1933, 66 por cento, em 1938, 55 por cento. O resto eram os filhos dos intelectuais, dos empregados e, mesmo, da pequena burguesia. Assim se traduzia o carácter democrático do regime social soviético.

A remodelação do sistema de ensino superior previa também uma alteração radical da orientação ideológica do processo de estudo, a educação de estudantes no espírito de ideias e concepções socialistas. Para o efeito, foram revistos os programas de estudo, foi criado novo material didáctico, introduzido o estudo obrigatório das ciências sociais marxistas. Tudo isto esbarrou numa resistência tenaz dos sectores mais conservadores do professorado que tentava leccionar como dantes, segundo as leis da ciência burguesa, acentuava manifestações antimarxistas nas suas cadeiras; insistia com especial veemência no misticismo, etc. No entanto, a maioria de professores leccionava conscienciosamente o material que haviam ensinado ainda antes da revolução. Não era, portanto, a sua culpa subjec-

tiva de que, conservando a velha concepção, não podiam (porque não sabiam ainda) satisfazer as necessidades cognitivas da geração revolucionária de ouvintes. Contudo, com o andar do tempo, e sob a influência da situação política geral no país, foi-se alterando a atitude dos professores da escola superior para com as reformas em matéria de ensino superior. A elaboração da nova temática de cursos e de seminários despertava interesse pelo estudo de problemas de cuja solução precisavam o país e o povo. Por outro lado, realizava-se um grande trabalho educativo com o professorado: assistiram às conferências lidas por destacados marxistas, frequentavam cursos e seminários de estudo de problemas sócio-económicos, do materialismo histórico.

O processo de apagamento de ideias burguesas na consciência do antigo professorado foi complexo, prolongado e contraditório. Tratava-se, pois, do reconhecimento da ideologia marxista pelas pessoas que tinham dela uma visão completamente errada e eram porta-vozes e advogados da ideologia burguesa. Certamente que, mesmo muitos anos mais tarde, nem todos eles se viriam a tornar marxistas convictos. O fardo ideológico do passado era demasiado pesado para que se pudessem desfazer completamente dele. Todavia, compreenderam que os “tempos antigos” não voltariam mais e que no país se ia implantando o domínio da nova ideologia, ideologia marxista-leninista. Ao compreender isto, o professorado colocou-se perante a necessidade de estudar, de modo aprofundado, a doutrina revolu-

cionária sobre a sociedade, de a aplicar na sua prática de ensino, incorporar-se na vida sócio-política do país. “Impõe-se o entusiasmo e não a neutralidade, assim definiu a posição dos cientistas e do corpo docente da escola superior o professor catedrático, N.S. Derjávine, a política elevada à terceira, mesmo à nona potência, aplicada em benefício da classe operária, em prol da nossa revolução e não o apoliticismo”¹.

Paralelamente, foram tomadas medidas com vista à formação de quadros do professorado com base na jovem intelectualidade soviética, nos comunistas. Em 1921, criou-se a primeira escola superior que preparava especialistas das ciências sócio-económicas, o Instituto Superior do Professorado Vermelho. Da preparação de professores da escola superior encarregaram-se ainda outros estabelecimentos de ensino. Em 1925, foram criados cursos de pós-graduação adjuntos aos institutos superiores que se viriam a tornar a fonte principal de complementação da escola superior com quadros docentes. Nos fins da década de 20, ou nos princípios da década de 30, iniciaram a sua carreira científica e pedagógica L. D. Landau, M. V. Kéldich, S. P. Koroliov, I. I. Artobolévski, A. I. Alikhánov e muitos outros destacados cientistas soviéticos.

Nesta ordem de ideias, já em meados da década-

¹ *Arquivo Central do Partido. Instituto do Marxismo-Leninismo, f. 142, inv. 1, dos. 363, f. 80.*

da de 20, a escola superior, tal como a escola secundária especializada, foi colocada, no essencial, sobre os trilhos socialistas. No primeiro decénio de existência do Poder dos Sovietes, a escola superior formou cerca de 150 mil especialistas de qualificação superior e 200 mil, de qualificação média. Tendo em conta as dificuldades enormes da Guerra Civil e dos primeiros anos da construção pacífica, este facto deve ser encarado como uma vitória notável. No entanto, se se tomasse em consideração a carência nacional de especialistas, eram, certamente, números ínfimos. Por isso mesmo, o Estado adoptou, nos fins da década de 20 e nos princípios da década de 30, medidas urgentes destinadas a ampliar consideravelmente o sistema de ensino superior e médio especializado. As despesas com estes fins foram equiparadas, pela sua importância, com os gastos com a construção básica na indústria. A rede de institutos superiores, escolas técnicas, faculdades operárias alargava-se em ritmos inéditos. Simultaneamente, criaram-se numerosos cursos de preparação da juventude para o ingresso nos institutos superiores e escolas técnicas, promoveu-se em larga escala o estudo por correspondência, a formação geral e especializada sem interrupção do trabalho.

Os esforços empenhados pelo Estado soviético na formação de quadros intelectuais nas escolas superiores e técnicas tiveram resultados espectaculares. Se antes da revolução, existiam na Rússia 105 institutos superiores situados em 21 cidades e frequentados por 127 mil estudantes, já em 1938,

a formação de especialistas se realizava em 708 institutos superiores, situados em 156 cidades do país, enquanto o número de estudantes atingiu 620 mil pessoas, ou seja, um número 1,5 vezes superior ao de estudantes da Grã-Bretanha, da França, da Itália, do Japão, da Alemanha juntos. O mesmo se passava no sector do ensino secundário especializado. Contra 450 estabelecimentos do ensino secundário especializado, existentes na Rússia czarista, em 1940, o seu número atingiu 3800, tendo-se multiplicado 18 vezes o número de estudantes destas escolas em comparação com 1914.

Também nas periferias nacionais, a rede de escolas superiores e técnicas ampliava-se em ritmos acelerados. Nas repúblicas que não possuíam, antes da revolução, institutos superiores, funcionavam já nos começos dos anos 40, 23 institutos na Bielo-Rússia, 14 no Azerbaijão, 29 no Uzbequistão, 5 no Tadjiquistão, 21 no Cazaquistão, etc. No território da Ucrânia, o número de escolas superiores aumentou de 19, antes da revolução, para 129, em 1939. Deste modo, todos os povos que habitam a União Soviética criaram a sua intelectualidade nacional. Muitos milhões de trabalhadores dos povos antigamente indigentes e atrasados obtiveram, com a ajuda dos seus irmãos russos, a possibilidade de ascenderem ao cume da ciência e da cultura.

Eis um exemplo típico duma destas pessoas. “Meu pai – narra Jaken Dairbékov, cazaque, engenheiro de minas – morreu analfabeto, tendo conhe-

cido em toda a sua vida só a miséria e a fome... O começo da minha vida não parecia ser melhor. Mas, acabou o tempo maldito e a revolução derubou e varreu os opressores... Comecei a estudar, sem deixar, contudo, de trabalhar na mina. Em 1928, ingressei no Komsomol. Naquele tempo os trabalhadores do Karaganda, lançaram-se na transformação da bacia numa poderosa base de carvão da União Soviética. A Donbass (uma bacia hulífera na Ucrânia) ajudou-nos em tudo e sobretudo, na formação de quadros. Tal como alguns dos meus camaradas, fui encaminhado para o Instituto das Minas de Donetsk... Depois de ter acabado os estudos e passado os exames finais com aproveitamento excelente, regressei à minha terra, ao Karaganda. O meu pai tinha pensado alguma vez que seu filho seria engenheiro? E no entanto, no Cazaquistão, milhares de pessoas percorreram, num prazo curto, o caminho desde um camponês pobre até ao engenheiro, o gestor de economia, o estadista”¹.

Os institutos superiores e as escolas técnicas não são a única via de preparação dos quadros da nova intelectualidade. O regime soviético também abriu uma nova fonte do reabastecimento desta camada social, a saber a promulgação dos melhores representantes da classe operária e campesinato trabalhador para os cargos directivos do partido,

¹ A.N. Nussupbékov. *A Formação e o Desenvolvimento da Classe Operária Soviética no Cazaquistão (1917-1940)*. Alma-Atá, 1966, p. 97.

do Estado e da economia. Posteriormente os trabalhadores de vanguarda apresentados para os cargos de responsabilidade aumentavam o seu nível profissional e cultural, e, no fim das contas, muitos deles tornaram-se bons especialistas, intelectuais no pleno sentido da palavra. Assim, na URSS é bem conhecido o nome de Ivan Alexéevitch Likhatchev. Quando ele foi nomeado director da primeira fábrica de automóveis no país, não tinha conhecimentos adequados, mas a sua energia, espírito, vontade, e compreensão da responsabilidade pelo destino do assunto importante, de que tinha sido encarregado, ajudaram I. A. Likhatchév a receber instrução técnica sem deixar o trabalho e a tornar-se um grande especialista organizador da indústria de automóveis. Agora a fábrica de automóveis em Moscovo, antes encabeçada por I. A. Likhatchév, tem o seu nome. Tais exemplos são bem numerosos.

A preparação dos especialistas em massa permitiu aumentar bruscamente o peso específico dos quadros bem preparados. Em 1941 na economia nacional trabalharam 909 mil pessoas com instrução superior e 1492 mil pessoas com instrução secundária especial. Uma grande quantidade dos operários e camponeses foi nomeada para os cargos administrativos, para o trabalho no aparelho estatal soviético, nas instituições do partido e sociais. Cresceram em número os quadros da intelectualidade criadora.

A criação das bases do socialismo na URSS determinou as profundas alterações na estrutura da

sociedade soviética, nos destinos das classes e camadas sociais, inclusive, da intelectualidade. Junto com o fortalecimento do regime socialista, a velha intelectualidade fundiu-se organicamente com a nova geração de intelectuais que era carne da carne do povo e estava ligada às massas populares pelos laços de sangue. Esta foi uma grandiosa conquista do povo soviético, do Partido Comunista.

A criação da nova intelectualidade constitui uma necessidade histórica e é um resultado natural da revolução socialista. O trabalho dum intelectual não é uma prerrogativa das “classes cultas”, herdada de geração em geração. Antigos operários e camponeses tornaram-se cientistas, engenheiros, agrónomos, professores, médicos, escritores, artistas, estadistas. A realidade soviética oferece uma quantidade enorme de exemplos que mostram como uma pessoa, oriunda, segundo a sociologia burguesa, da “plebe”, ascende à criação científica e cultural. Limitemo-nos a referir aqui um desses exemplos. Na infância, nos anos da Guerra Civil, Kólia Dubínine, abandonado pelos pais, levava vida de vagabundo, pernoitava nos sótãos e comia “o que Deus dava”. A Rússia antiga preparava-lhe, tal como a milhares dos seus coetâneos, o único caminho, para o fundo da vida, juntar-se ao lumpen-proletariado. Entretanto, no nosso país, N.P. Dubínine tornou-se académico, Prémio Lénine, sendo os seus trabalhos em matéria de genética conhecidos em todo o mundo.

No seu trabalho dedicado ao lado de todo o

povo, a intelectualidade soviética fez uma contribuição valiosa para a causa da construção do socialismo: para a industrialização do país, a colectivização da agricultura, o desenvolvimento da cultura soviética, o reforço do poder defensivo do nosso Estado.

A par da intensificação da sua actividade na construção do socialismo, foi crescendo indeclinavelmente o seu prestígio no estrangeiro. Os cientistas soviéticos participavam activamente em diversos congressos e conferências internacionais, os seus trabalhos eram altamente apreciados pela opinião científica mundial. Os escritores, actores, pintores, compositores davam, através das suas obras, provas convincentes de que a arte e a literatura não podem separar-se da vida, mascarando-se com o apoliticismo, que só no socialismo se torna possível um florescimento autêntico da cultura.

Quando a Humanidade enfrentou a ameaça de nova guerra mundial os intelectuais soviéticos lutaram activamente em defesa da paz. Em Março de 1932, numa mensagem apaixonante “Quem apoiam vocês, artistas?”, A. M. Górkí apelou aos intelectuais do mundo para formarem uma frente unida contra a reacção e a guerra. Os intelectuais soviéticos tomaram uma parte muito activa nos trabalhos de congressos internacionais contra a guerra, nos comités anti-fascistas. Quando os “camisas negras” italianos invadiram a Abissínia (a Etiópia), os soviéticos foram os primeiros a erguerem a voz de protesto. Também

a Espanha se tornou uma frente importante de luta contra o fascismo e a guerra. Os intelectuais soviéticos participaram directamente nesta luta.

A actividade social da intelectualidade soviética na arena internacional, as suas obras, imbuídas das ideias do verdadeiro humanismo, contribuíram grandemente para a coesão das forças progressistas. Ruiu a calúnia espalhada pelos inimigos da paz e do socialismo. Em vez de ver um “eleito do espírito”, afastado do povo, ou um sonhador e utopista abstracto, a opinião mundial conheceu um indivíduo activo e criador, um colectivista, um activista social, um lutador enérgico pela paz e contra o fascismo e a guerra—era essa a imagem do intelectual soviético.

Os intelectuais soviéticos combateram heroicamente, durante a Grande Guerra Pátria (1941-1945), no exército e nos destacamentos de guerrilha, trabalharam nos sectores de maior responsabilidade da retaguarda. Ao lado do seu povo, a intelectualidade resistiu com firmeza às calamidades da guerra, entregando todos os seus conhecimentos e todas as forças em prol da vitória sobre o inimigo.

As perdas sofridas durante a guerra, a necessidade de reconstruir e prosseguir o desenvolvimento da economia nacional e da cultura, a revolução técnico-científica, tudo isto acentuou a falta de quadros de elevada qualificação na sociedade soviética. No pós-guerra, a intelectualidade aumentava em ritmos particularmente rápidos. Hoje em

dia, é todo um exército de muitos milhões de cientistas, técnicos, artistas, funcionários do aparelho do partido e do Estado, militares. Cerca de 10 por cento da população geral do país e aproximadamente 20 por cento das pessoas ocupadas na economia nacional, são intelectuais. Quanto aos ritmos de crescimento e ao seu número absoluto, a intelectualidade ultrapassou o campesinato kolkhoziano.

A intelectualidade é completada com elementos de todos os sectores sociais da sociedade soviética. No entanto, um carácter particularmente maciço cabe à passagem de operários e camponeses e seus filhos para o seio da intelectualidade. São precisamente eles quem desempenham o papel decisivo no crescimento quantitativo da intelectualidade.

Ao tentar acusar a intelectualidade soviética de elitismo, de que esta se teria transformado numa espécie de burguesia de Estado, os sociólogos ocidentais costumam exemplificar os organismos de gestão da economia nacional, o aparelho do Estado e do Partido aonde “as pessoas oriundas do povo” não teriam acesso. A realidade soviética deita por terra semelhantes afirmações. O XXIV Congresso do PCUS divulgou os dados seguintes quanto à origem social de quadros dirigentes na URSS. Mais de 80 por cento de secretários dos Comités Centrais do Partido Comunista das repúblicas federadas, dos Comités do Partido regionais e dos territórios, de presidentes dos Conselhos de Ministros das repúblicas federadas, dos Comités Executivos dos Sovietes de Deputados do Povo

regionais e dos territórios, além de cerca de 70 por cento de ministros e presidentes dos Comitês de Estado, encetaram a sua actividade laboral na qualidade de operários e camponeses¹.

O socialismo não só alterou o aspecto social e nacional da intelectualidade, mas ainda a encarregou de novas tarefas criativas. Os intelectuais desempenham um papel enorme na criação da base material e técnica do comunismo. Cientistas, engenheiros, técnicos são uma força poderosa da sociedade soviética. Cabe-lhes o mérito de terem feito as mais importantes descobertas nos mais diversos campos do Saber. A maturidade do pensamento científico-técnico soviético ganha a sua comprovação mais convincente nos êxitos alcançados na prospecção do espaço cósmico, na utilização pacífica da energia atómica.

A construção da nova sociedade pressupõe não só o desenvolvimento integral das forças produtivas, mas ainda a educação dos soviéticos no espírito de concepção do mundo comunista. A luta pela formação do indivíduo novo representa uma tarefa importante a cumprir pela intelectualidade criativa soviética. Os literatos e artistas soviéticos criaram grandes obras artísticas que reflectem veridicamente a vida do povo. As obras de A. M. Górkí, A. N. Tolstoi, M. A. Chólokhov, T. Aitmatov, E. Megeláitis e de muitos outros adquiriram fama mundial. São mundialmente po-

¹ O XXIV Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Relatório estenográfico. t. 1, M., 1971, p. 124.

pulares os melhores filmes soviéticos, o famoso ballet, as obras largamente conhecidas de compositores, escultores, actores e pintores soviéticos.

A sociedade soviética manifesta profundo interesse pela actividade dos intelectuais, dá avaliação condigna aos seus méritos. Os melhores engenheiros, agrónomos, professores, médicos, cientistas, personalidades da literatura e da arte são galardoados com altas distinções do Estado e títulos honoríficos.

Enfim, importa referir uma outra particularidade do desenvolvimento da intelectualidade soviética actual, nomeadamente, a elevação da sua actividade social e política. É cada vez maior o número dos intelectuais que aderem ao Partido Comunista. Em 1976, do total de 15,7 milhões de comunistas da União Soviética, 20 por cento eram os intelectuais técnicos e mais de 24 por cento representavam os domínios da ciência, literatura, arte, educação e ensino, saúde pública, gestão e administração e as Forças Armadas. Milhões de intelectuais são deputados dos Soviets, participam activamente na vida política e social do país.

O forte da intelectualidade soviética tem sido sempre a sua actividade enérgica no cenário internacional. Os soviéticos têm defendido e continuam a defender o estabelecimento de sólidos contactos entre círculos sociais e criativos da União Soviética e dos países estrangeiros, laços que conduzam ao entendimento mútuo entre os povos, contribuam para o progresso cultural da Humani-

dade. A intelectualidade soviética mantém uma luta particularmente veemente em defesa da paz, pelo alívio da tensão internacional e o estabelecimento das relações de boa-vizinhança entre todos os povos do mundo.

O processo do desenvolvimento da intelectualidade no contexto actual testemunha, convincentemente, que o socialismo não só não minimiza a importância da intelectualidade, como pelo contrário, cria as condições mais favoráveis para a sua intensa actividade criadora em todas as esferas do desenvolvimento social, traz o legítimo renascimento espiritual e a satisfação do trabalho cumprido em prol da sociedade. “A intelectualidade nascida no seio do povo e indestrutivelmente ligada com a classe operária e o campesinato, empenha-se na solução de grandes tarefas de edificação—salienta L. I. Bréjnev.—E quanto mais se elevar a cultura da nossa sociedade, quanto mais avançar a ciência e a técnica, mais sensível será a valorização do papel da intelectualidade no cumprimento das gigantescas tarefas que se colocam perante o povo soviético”¹.

Graças ao ulterior progresso da economia socialista e das relações sociais, alcançado no socialismo desenvolvido, estreitou-se a comunidade de interesses e a unidade ideológica da sociedade soviética, o que, por sua vez, permite falar na formação de-

¹ Bréjnev L.I. *Seguindo o rumo de Lénine*. Discursos e artigos, t. 2, M., 1973, p. 94.

finitiva da aliança entre as classes trabalhadoras e a intelectualidade como num facto incontestável da realidade soviética. Uma importante consideração de princípio sobre esta aliança teve o seu reflexo na nova Constituição da URSS, cujo artigo 19 proclama: “A base social da URSS é constituída pela aliança indestrutível dos operários, camponeses e intelectuais”.

O povo soviético e o Partido Comunista têm em alto apreço a contribuição dada pela intelectualidade para a construção do comunismo, mantêm no seu seio o espírito de entusiasmo criativo, de busca e saudável iniciativa. Toda a actividade multifacética da nossa intelectualidade mostra que a sociedade socialista tem uma enorme força que dedica todo o seu talento, experiência e energia à causa da edificação do comunismo.

* * *

Foi complexo e duradouro o processo da resolução do problema da intelectualidade no nosso país. Os comunistas e o Estado soviético tiveram de vencer muitas dificuldades, a fim de assegurar a cooperação, da parte mais qualificada e experiente da sociedade burguesa na construção do socialismo, para a criação da intelectualidade socialista do povo. No decurso da resolução deste problema da intelectualidade, os comunistas acumularam no País dos Sovietes uma grande e valiosa experiência que mostra:

1. Para a burguesia que realiza a revolução e derruba o poder da classe feudal, o problema

da intelectualidade não tem valor primordial. No momento da tomada do poder, ela possui já quadros da intelectualidade mais ou menos significativos, educados por ela no seio da sociedade feudal e que lhe são já fiéis. É diametralmente oposta a via por que deve solucionar este problema a classe operária. A revolução proletária, cujo objectivo final é o socialismo não encontra quaisquer formas, já prontas, da economia socialista. Simultaneamente, por força da ausência da base económica respectiva e por força de todas as condições da sua existência, o proletariado não podia criar ainda no capitalismo quadros suficientes da sua intelectualidade socialista própria. Só podia formar estes quadros após a conquista do poder político, no decurso da construção do socialismo. É nisto que consiste uma das diferenças radicais entre a revolução socialista e a revolução burguesa.

2. O facto de a classe operária não ter tido quadros numerosos da intelectualidade não constitui obstáculo para a sua tomada do poder. Foi precisamente por isso que—conforme mostrou a experiência do Grande Outubro—os proletários da Rússia deviam tomar o poder. Porque só a revolução socialista cria todas as premissas necessárias para a revolução cultural socialista e para a formação da intelectualidade do povo.

3. O aproveitamento da intelectualidade burguesa, relacionada em grande medida com o capitalismo, para a reestruturação da velha sociedade com base nos princípios socialistas, é um proces-

so inevitável. A legitimidade de semelhantes fenómenos na vida social encontrou o seu reflexo e argumentação teórica nas seguintes palavras de F. Engels, que V. I. Lénine cita no seu livro *O Estado e a Revolução*: "...Toda a revolução social é forçada a tomar as coisas assim como as encontra e lutar contra o mal mais manifesto através dos meios de que dispõe"¹. Foi precisamente assim que procederam os comunistas na Rússia, tendo utilizado a intelectualidade burguesa no combate ao mal da desigualdade e do atraso cultural.

4. Na definição de V.I. Lénine, a angariação da intelectualidade burguesa para a construção do socialismo é uma forma da luta de classes nas condições da ditadura do proletariado que difere bruscamente das formas como o esmagamento da resistência das classes exploradoras, como a guerra civil, etc. A peculiaridade desta forma consistia, antes de mais, em que a classe operária aliciava para a cooperação uma parte daquelas forças contra as quais teve, então, de lutar. Esta forma de luta de classe previa a decidida sufocação das manifestações dos contra-revolucionários do seio da intelectualidade burguesa, a neutralização dos elementos instáveis e vacilantes com a sua consequente incorporação na construção da nova sociedade e, finalmente, a utilização de todos os intelectuais leais (às vezes até, dos não leais) para a consolidação do Poder Soviético. Esta foi a forma de luta de classe não contra a intelectua-

¹ *Colectânea de Obras de Lénine, XIV, p. 289.*

lidade como tal, mas pela intelectualidade.

5. A formação da nova intelectualidade socialista, mediante a reeducação da velha intelectualidade e a preparação com a ajuda desta última dos especialistas, oriundos das camadas trabalhadoras, é uma necessidade histórica e resultado lógico da revolução socialista.

A experiência histórica mostra que todo o país que rompe com o capitalismo e ingressa na via de desenvolvimento socialista defronta-se inevitavelmente com o problema de captação da velha intelectualidade para a construção da nova sociedade e de preparação dos quadros muito mais numerosos da intelectualidade oriunda do meio dos operários e camponeses. Assim aconteceu, por exemplo, nos países da Europa Oriental, onde após a vitória da revolução socialista, intelectualidade, na sua maioria esmagadora (com exceção dos contra-revolucionários exacerbados e das pessoas que não renunciavam às posições ideológicas da burguesia) acabava, no fim de contas por passar para o lado do povo revolucionário. Mas, além disso, era necessário ainda criar uma nova intelectualidade socialista. Para os partidos comunistas e operários destes países foi bastante útil a experiência da União Soviética, na resolução do problema da intelectualidade. Com isto, os países socialistas não imitavam cegamente esta experiência, mas faziam-na passar através do prisma das suas peculiaridades nacionais e históricas.

A experiência acumulada pelo PCUS e o Estado soviético, na solução do problema da intelectuali-

dade, representará, sem dúvida alguma, um grande valor para os partidos revolucionários daqueles países que ingressarão, no futuro, no caminho de desenvolvimento socialista, dado que a questão do destino da intelectualidade no período de transição do capitalismo para o socialismo e das vias de aliciamiento dela para a construção da nova vida, assim como a preparação dos quadros da nova intelectualidade colocar-se-á inevitavelmente perante eles. É esta uma das importantes lições históricas da Grande Revolução Socialista de Outubro.



Gleb Maximiliánovitch Krjijánovski (1872-1959) – activista do movimento revolucionário na Rússia, dirigente soviético do Estado e do Partido, cientista em energia e académico



Alexandra Mikháilovna Kollontái (1872-1952) –activista do movimento revolucionário russo e internacional, diplomata soviética



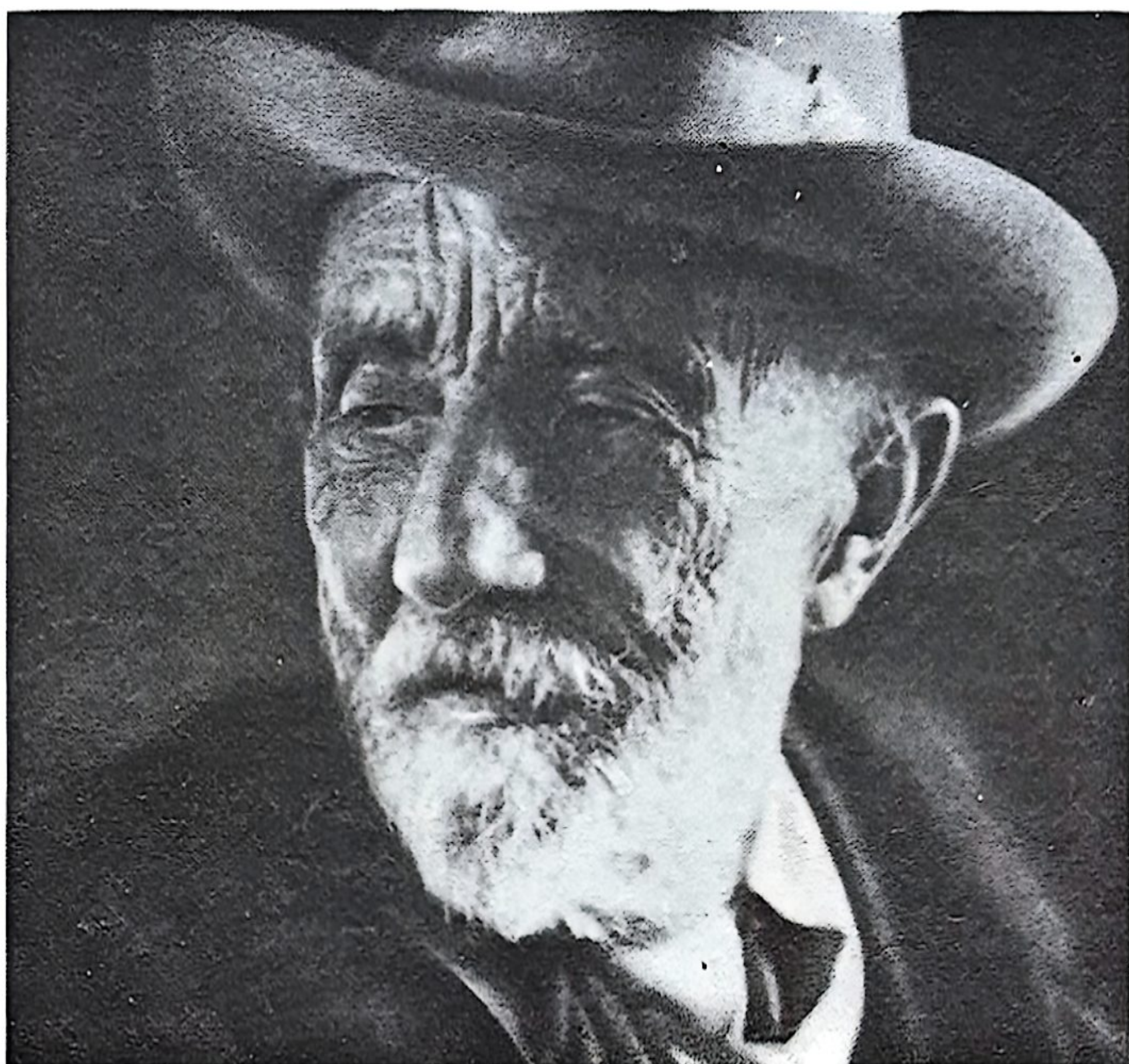
Gueórgui Vassílievitch Tchitchérine (1872-1936) –activista do movimento revolucionário, estadista e diplomata soviético. Autor duma série de obras consagradas à história do movimento revolucionário, às relações internacionais e à cultura



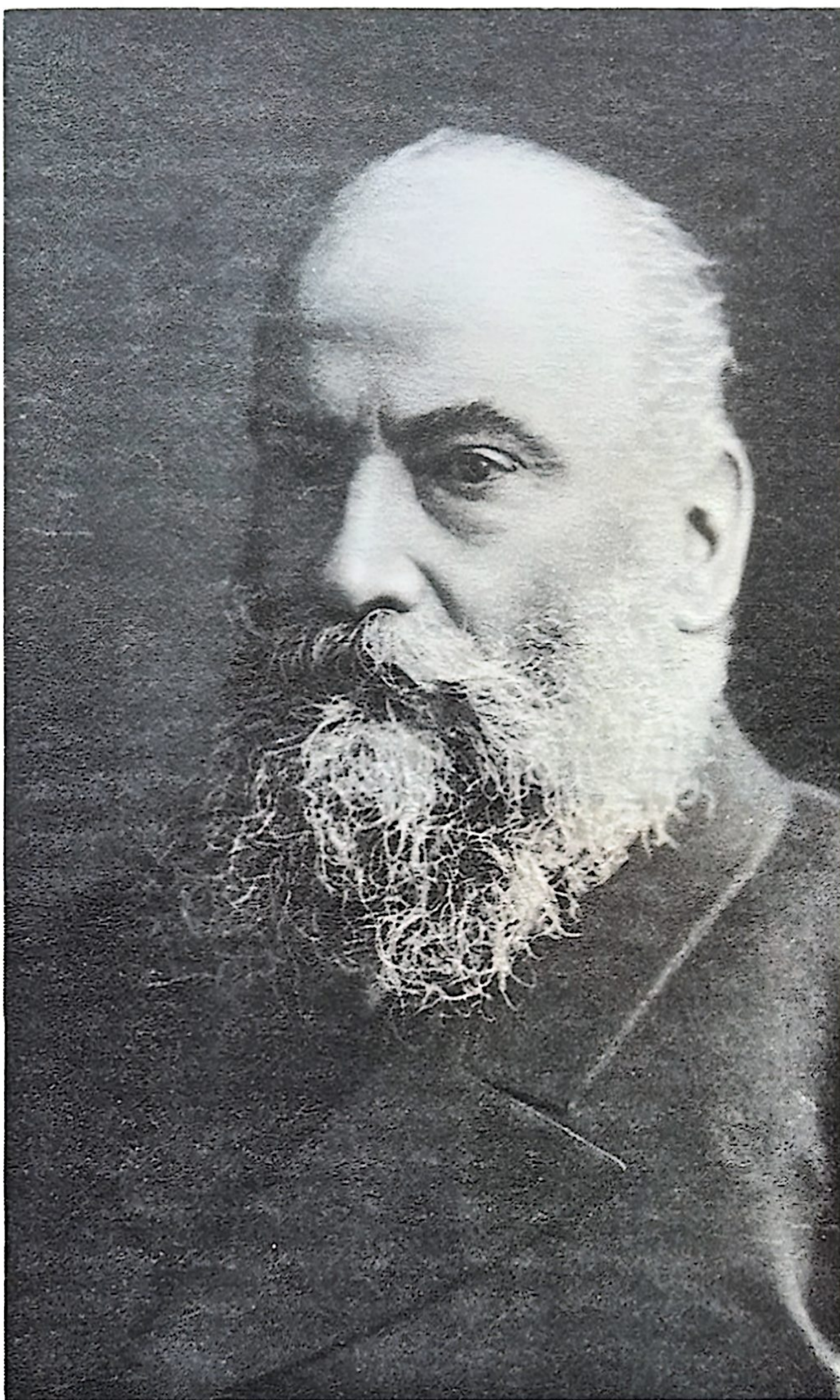
Alexéi Maǵímovitch Górkí (1868-1936) – escritor, pai da literatura soviética. Com sua obra e actividade pública contribuiu para a edificação da sociedade socialista e a cultura soviética



Ivan Petróvitch Pávlov (1849-1936) –destacado cientista fisiólogo, fundador da teoria materialista sobre a função do sistema nervoso superior Retrato do pintor Mikhaíl Vassílievitch Nésterov



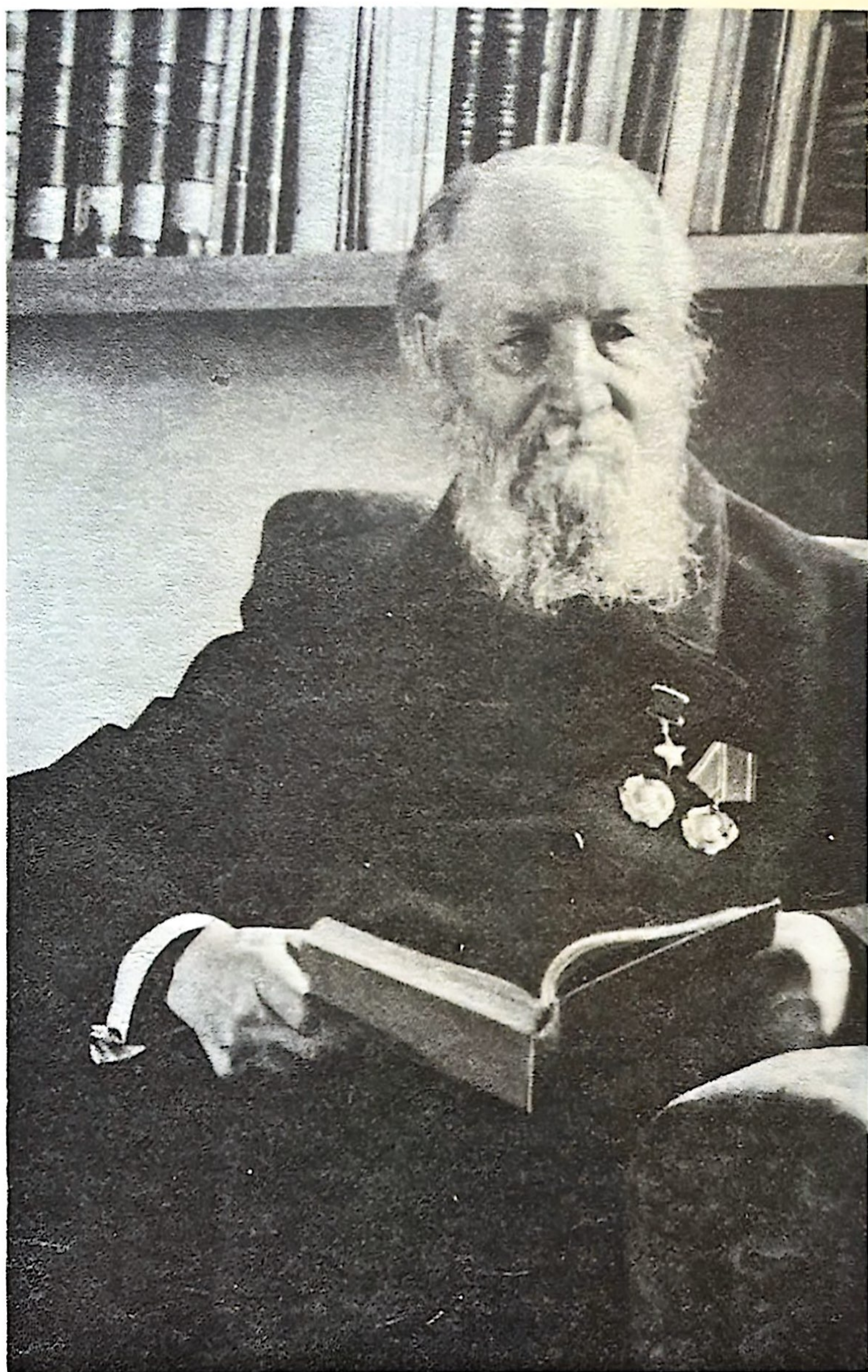
. Ivan Vladimirovitch Mitchúrine (1855-1935), biólogo, fundador da selecção científica das árvores frutíferas e de outras culturas na URSS, membro honorífico da AC da URSS



Nikolái Egórovitch Jukóvski (1847-1921) –fundador da hidroaerodinâmica moderna. Em 1920 foi promulgado o decreto do Soviète dos Comissários do Povo, assinado por V. I. Lénine, sobre a instituição do prémio “N.E. Jukóvski” concedido pelos melhores trabalhos em matemática e mecânica



Konstantine Eduárdovitch Tsiolkóvski (1857-1935) – cientista e inventor, pai da cosmonáutica moderna



Alexéi Nikoláevitch Krilov (1863-1945) – construtor naval soviético, académico e especialista em mecânica e matemática



Andréi Nikoláevitch Túpolev (1888-1972) –académico, destacado projectista e aeronáutico soviético



Alexandre Ivánovitch Kuprine (1870-1938) – escritor russo. Em 1919 emigrou para o estrangeiro, mas reconhecendo ter sido errónea esta sua decisão, regressou à pátria, em 1937 .



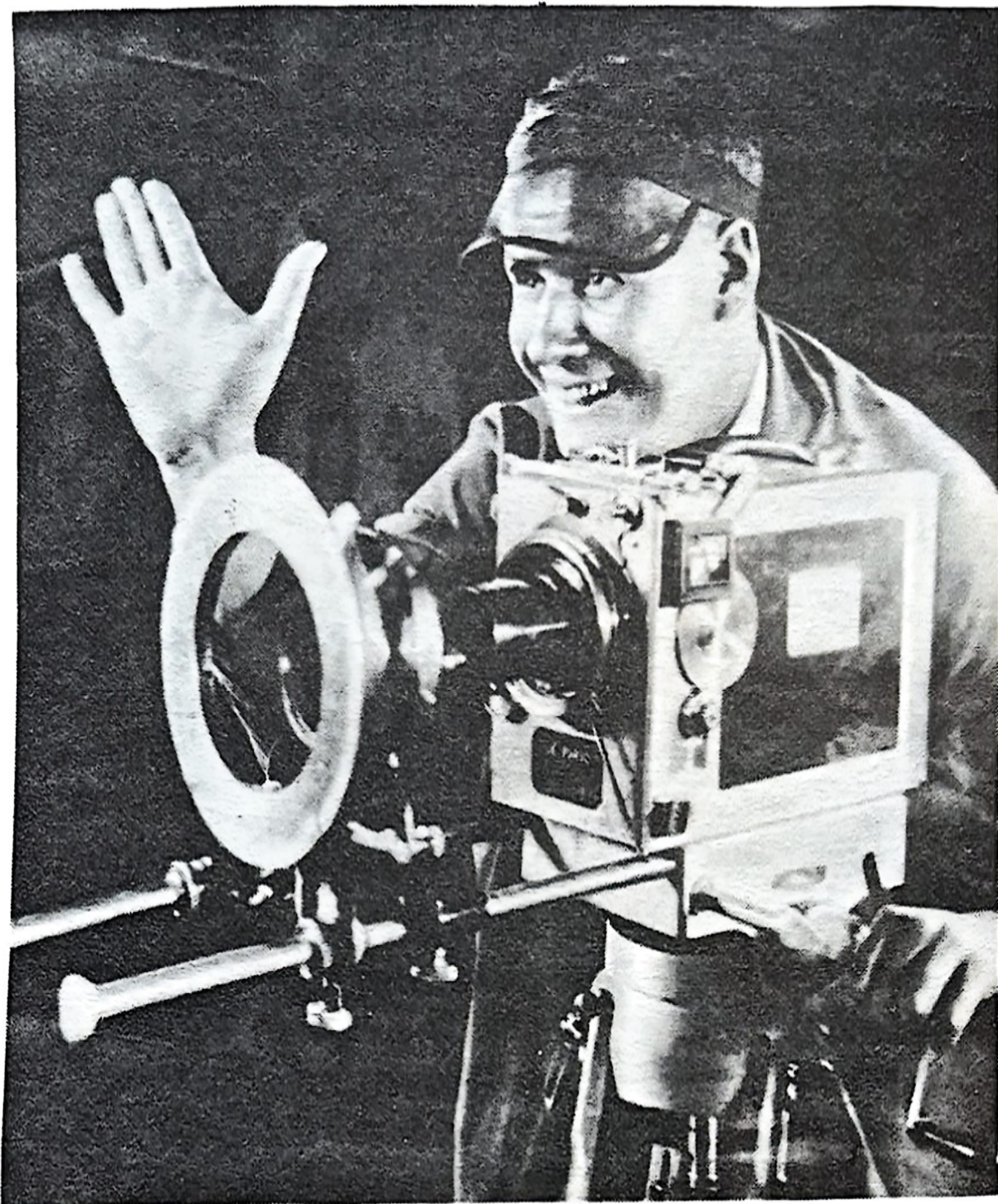
Alexéi Nikoláevitch Tolstoi (1882-1945) – escritor soviético, personalidade pública, académico



Maria Nikoláevna Ermólova (1853-1928) – atriz russa, Artista do Povo da República (1920), Heroína do Trabalho (1924)



Serguéi Serguéevitch Prokófiev (1891-1953) – compositor, pianista, regente de orquestra, Artista do Povo da Federação Russa



Serguéi Mikháilovitch Eisenstein (1898-1948) – encenador russo, teórico da arte, pedagogo, artista emérito da Federação Russa



Da esquerda para a direita: o compositor Dmítri Chostakóvitch (junto ao piano), o poeta Vladímir Maiakóvski e o encenador Vsévolod Meyerkhold (1929)



Vera Ignátievna Múkhina (1889-1953) –escultora soviética, Artista do Povo da URSS. Autora da escultura “Operário e kolkhosiana” de 24 metros de altura que coroou o pavilhão soviético na Exposição Mundial em Paris, em 1937 (presentemente a escultura encontra-se junto à entrada Norte da Exposição das Realizações da Economia Nacional da URSS, em Moscovo)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. A revolução e a intelectualidade	8
2. Os comunistas lutaram não contra a intelectualidade, mas por ela	19
3. A intelectualidade burguesa ajudou os Soviéticos a ganhar a Guerra Civil	41
4. A adesão definitiva dos intelectuais antigos às posições do socialismo	73
5. O Poder dos Soviéticos criou uma nova intelectualidade, a intelectualidade popular	108

AO LEITOR

Os Editores ficar-lhe-ão muito agradecidos se nos der a conhecer a sua opinião acerca da tradução do presente tomo, assim como acerca da sua apresentação e impressão. Agradecer-lhe-emos também qualquer outra sugestão. O nosso endereço é:

Edições Progresso, Zúbovski bulevar,
17, Moscovo, URSS.

С. Федюкин

СОЦИАЛИСТИЧЕСКАЯ РЕВОЛЮЦИЯ В РОССИИ
И ИНТЕЛЛИГЕНЦИЯ

На португальском языке

A série

**“A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS”**

<i>Borodine V.</i>	Quem foi Beneficiado com a Industrialização na URSS
<i>Fediúkine S.</i>	A Revolução Socialista na Rússia e a Intelectualidade
<i>Ermõnski A.</i>	O Caminho da Paz Visto de Moscovo
<i>Petrenko F.</i>	Socialismo: Unipartidarismo e Pluripartidarismo
<i>Guilílov S.</i>	Resolução da Questão Nacional na URSS
<i>Savenkov N.</i>	Da República de Ditadura do Proletariado ao Estado de Todo o Povo
<i>Tchernogolóvkine V.</i>	1917. O Fim do Império Russo
<i>Koréline A.</i>	
<i>Tiutiúkine S.</i>	
<i>Mints I.</i>	Como Aconteceu a Revolução de Outubro
<i>Razgon A.</i>	O Primeiro Parlamento Popular e o Primeiro Governo Popular
<i>Poliakov I.</i>	Quem Desencadeou a Guerra Civil na Rússia?
<i>Golinkov D.</i>	A Guerra Secreta contra a Rússia Soviética
<i>Stártsev V.</i>	O que são os Sovietes e como foram Criados
<i>Dróbijev V.</i>	Como foram Criados os Órgãos de Gestão da Economia Nacional
<i>Selúnskaia V.</i>	Verdades e Mentiras sobre a Coletivização
<i>Tetiuchev V.</i>	
<i>Essákov V.</i>	Do ABC ao Cálculo Integral
<i>Nenarókov A.</i>	



A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

A série "A Verdade sobre a Revolução de Outubro e a Construção do Socialismo na URSS" inclui 15 brochuras de divulgação científica escritas por cientistas soviéticos. A série é editada sob a redacção geral do académico I. I. Mints e abrange um grande período: desde a Revolução de Outubro na Rússia até aos nossos dias.

O objectivo da série consiste em ajudar o leitor estrangeiro a fazer uma ideia a respeito das causas da Revolução socialista na Rússia, relatar o seu desenvolver e objectivos e demonstrar a importância da revolução para o desenvolvimento dos povos da URSS e de toda a história mundial.

As brochuras são ilustradas com fotografias documentais e editadas em inglês, francês, alemão, espanhol e português.



Edições Progresso



Edições Agência de Imprensa Nóvosti (APN)

Serguéi Alexéevitch Fediúkine é doutor em Ciências Históricas, autor de uma série de obras sobre a participação dos intelectuais na construção socialista.

